

ASTRÉIA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS

Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



Oh, como é bom e agradável
ver unidos os Imãos! É como o
óleo precioso sobre a cabeça,
que desce para a barba, a
barba de Aarão, e desce para
a gola de suas vestes. É como
o Orvalho do Hermon, que desce
sobre os montes de Sion, porque
ali ordena o Senhor a sua Bênção
e a vida para sempre.
Oh, como é bom e agradável
ver unidos os Imãos! É como o
óleo precioso sobre a cabeça,
que desce para a barba, a
barba de Aarão, e desce para
a gola de suas vestes. É como
o Orvalho do Hermon, que desce
sobre os montes de Sion, porque
ali ordena o Senhor a sua Bênção
e a vida para sempre.

Oh, como é bom e agradável
ver unidos os Imãos! É como o
óleo precioso sobre a cabeça,
que desce para a barba,
barba de Aarão, e desce para
a gola de suas vestes. É como
o Orvalho do Hermon, que desce
sobre os montes de Sion, porque
ali ordena o Senhor a sua Bênção
e a vida para sempre.
Oh, como é bom e agradável
ver unidos os Imãos! É como o
óleo precioso sobre a cabeça,
que desce para a barba, a
barba de Aarão, e desce para
a gola de suas vestes. É como
o Orvalho do Hermon, que desce
sobre os montes de Sion, porque
ali ordena o Senhor a sua Bênção
e a vida para sempre.

Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Soberano Grande Comendador

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Lugar Tenente Comendador

José Alves de Alencar, 33º
Grande Ministro de Estado

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

Sérgio Antônio Medeiros Vieira, 33º
Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

Ballo Geay Yacouba, 33º - Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º - Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º - Panamá

Henri L. Baranger, 33º - França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º - Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º - Portugal

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º - Brasil

Licínio Leal Barbosa, 33º - Brasil

Jorge Goldenberg, 33º - Paraguai

Leo Taroni, 33º - Itália

Manoel Alves Almeida, 33º - Portugal

Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Manif Antônio Torres Julio, 33º (23/09/2014)

Antônio Luiz Corrêa, 33º (23/09/2014)

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º (23/09/2014)

Malba Tahan Macêdo Santos, 33º (11/03/2017)

Ronaldo de Brito Leite, 33º (11/03/2017)

Jorge Alexandre Pimentel Mege, 33º (11/03/2017)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do Supremo Conselho
Grau 33º do Rito Escocês Antigo
e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Registro 009-R na Associação
Brasileira da Imprensa Maçônica

Diretor Presidente

Ir.: **Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º**
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 28º**
OJB 242

Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodrê Lira Brandão, 33º**

Criação e Produção

Arte da Leitura.com
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho
21051-120 - Rio de Janeiro, RJ

Impressão

Cope Gráfica e Editora Ltda.??
Rua Baronesa do Engenho Novo, 189
20961-210 - Rio de Janeiro, RJ
grafica@copeditora.com.br

Tiragem desta Edição:

30.000 exemplares

Correspondência

Revista Astréa

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br

secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são
de inteira responsabilidade de seus
autores.

Estreitando os Laços de Amizade

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Soberano Grande Comendador



Meus Irmãos

Por mais que seja verdade que as comunicações encurtaram o mundo, nada substitui o contato pessoal. É ele que nos permite humanizar o relacionamento e dar sentido de família a essa grande família que chamamos de Maçonaria. Muito mais ainda quando se trata do Rito Escocês Antigo e Aceito, em cujo seio nosso Supremo Conselho tem tanta expressão, como não poderia deixar de ser. Não é sempre que nos lembramos de que somos, entre os Supremos Conselhos do mundo, o quinto mais antigo e também o terceiro maior pelo número de Irmãos. É precisamente isto que nos impõe certas obrigações, obrigações essas entre as quais estar presente se faz necessário. Com toda legitimidade, podemos chamar a essa presença de diplomacia maçônica. Assim como entre países, entre Corpos Maçônicos isto é essencial.

“Estreitar os laços de amizade que nos unem como verdadeiros Irmãos”, não é o que dizem nossos rituais desde o dia da Iniciação? Mais do que nunca, em meio a tanta informação e desinformação, isto é prioritário, porque são esses laços que formam a base da Maçonaria Regular Universal. Mais ainda porque, à medida que o tempo passa, as pessoas e as circunstâncias

mudam. Perpetuar nossas tradições, nesse contexto, exige ensinamento e aprendizado mútuos. Exige paciência e estrito cumprimento das leis que nos regem, sejam quais forem as diferenças eventuais. É essa observância que nos permite guardar a pureza do Rito e dos Supremo Conselhos que os regem. Não é fácil, mas é necessário.

Por tudo isto, neste primeiro ano, impôs-se nossa presença entre os Supremos Conselhos nas Américas, na Europa e no Oriente Médio, observando, avaliando, aprendendo e levando a presença brasileira a todas as partes, em um convívio respeitoso e produtivo. Testemunhamos e sentimos, pessoalmente, o quanto o Supremo Conselho do Brasil é respeitado entre seus pares, como nos olham com interesse e deferência. Isto foi um fato comprovado nos encontros na Alemanha, Bélgica, Equador, Espanha, Estados Unidos, Itália, México, Paraguai, Peru, Portugal, República Tcheca, Romênia e Turquia.

Por mais cansativo que seja, nos orgulha ver nosso Supremo Conselho como parte deste todo, reconhecido e benquisto em todas as partes, servisto como um exemplo a emular.

A todos, Boas Festas e um Feliz Ano Novo! ▲



1



REFLEXÕES SOBRE A

Ir.: José Maurício Guimarães, M.: I.: 33º

Maçonaria não é religião. Mas para o estudioso que ultrapassa o Grau de Mestre evidencia-se, especialmente nos Altos Corpos do Rito Escocês Antigo e Aceito, uma disposição para as coisas sagradas – um desenvolvimento em direção ao que está além do entendimento comum.

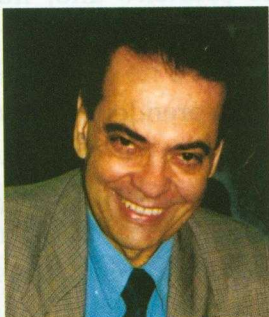
Essa tendência se traduz numa *metafísica* que amplia as investigações do Simbolismo sobre realidades que transcendem a experiência sensível: Deus, a totalidade cósmica e a alma humana – requisitos para a adesão à Maçonaria, expressos na crença em um Ser Superior e na preexistência da alma. (A palavra metafísica é composta de *metà* + *physis* = além da física; na antiguidade, o médico ou cirurgião e, por extensão, todos que se dedicavam ao estudo da natureza, eram chamados físicos, como no inglês *physician*).

A história do Templo de Salomão e a liturgia do Rito descrevem a condição humana mediante o destino de **Hiram Abif** e sua morte prematura. A partir dessa alegoria, o Rito elabora uma doutrina, prescrições, valores individuais e coletivos firmados em princípios da Filosofia, das religiões e das fontes do direito positivo dos povos.

Como testemunha desses preceitos e dessa doutrina (que **Albert Pike** denominou “moral e dogma”) permanece no Templo alegórico uma escada em caracol de sete degraus, emblema ascendente e



Só após essas disciplinas do *Trivium* e do *Quadrivium* começava a formação escolástica propriamente dita, e o novo mestre escolhia uma das faculdades superiores da época: Medicina (física: do grego *physis*, a natureza) ou Teologia, ou Direito (metafísicas).



O Ir.: José Maurício Guimarães é Grau 33 no Rito Escocês Antigo e Aceito, KT no Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil. Obreiro da ARLS Aquarius I Nº233 da Grande Loja Maçônica de Minas Gerais. Fundador e primeiro Venerável Mestre da “Loja Maçônica de Pesquisas Quatuor Coronati, Pedro Campos de Miranda” da GLMMG. Autor do livro “Grande Loja Maçônica de Minas Gerais - História, Fundamentos e Formação” (Belo Horizonte, 2014). Membro Efetivo da Academia Mineira Maçônica de Letras, Cadeira 39. Membro Correspondente da Academia Maçônica Fluminense de Letras.





As sete artes liberais, Giovanni del Ponte (1385-1438), Museu do Prado

METAFÍSICA DO RITO

Os doutores se encontram na universidade de Paris, manuscrito Chants Royaux (século XVI), Bibliothèque Nationale, Paris

espiralado do aperfeiçoamento adquirido nas Ciências, Artes e profissões liberais, ou seja: Gramática, Retórica, Dialética, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

O que hoje são concepções filosóficas embutidas nos símbolos constituía o sistema das escolas medievais. A quem ingressasse numa daquelas universidades, surgidas na Europa nos séculos XII e XIII, ministravam-se os ensinamentos indispensáveis que consistiam do *Trivium* (três vias ou caminhos) – Gramática, Retórica e Dialética; e do *Quadrivium* (quatro vias) – Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Esse estágio inicial, hoje esboçado no Grau II do Simbolismo, terminava quando o estudante se tornava mestre e passava a auxiliar seus pares no ofício de instruir.

A transmissão do conhecimento (instrução) se dava mediante disputas acadêmicas (*disputatio*) desenvolvidas na pesquisa de um problema teórico ou prático com debates e exames dos argumentos. Seguia-se o limite regulador (*determinatio*) quando se apresentavam a solução doutrinária e respostas aos argumentos. Só após essas disciplinas do *Trivium* e do *Quadrivium* começava a formação escolástica propriamente dita, e o novo mestre escolhia uma das faculdades superiores da época: **Medicina** (física: do grego *physis*, a natureza) ou **Teologia**, ou **Direito** (metafísicas).

O processo iniciático maçônico faz renascer o ofício dos construtores da Idade Média iluminado pela filosofia escolástica numa progressão de códigos análogos à moral e à crença judaico-cristã, isto é: a existência de um Deus único, universal, onisciente, onipresente, onipotente juiz eterno justo e bom. Tais atributos, objetos da Teologia e do Direito, destacam a desproporção entre a justiça divina e a humana, pois nenhum tribunal terreno consegue, a um só tempo, julgar com absoluta equidade, sendo benevolente e magnânimo. Os veredictos humanos, se justos, não são necessariamente benévolos; se benévolos, não são necessariamente justos. Daí a admoestação de **Jesus** para que nossa justiça exceda a dos escribas e fariseus (Mateus, 5:20).

Albert Pike (1809-1891) – advogado, escritor, militar e eminente Maçom na elaboração do sistema do Rito Escocês Antigo e Aceito – enfatiza o princípio de que nossa pequena medida de justiça não é a medida da justiça de Deus e que...

“... o erro é pretendermos erigir nossas concepções e ideia de justiça na conjectura de que Deus deva adotá-las como Sua lei, em vez de insistirmos em aprender, por observação e meditação, qual seja a lei d'Ele e sua justiça infinita. Temos que tomar consciência se a lei d'Ele corresponde, ou não, à nossa limitada maneira de avaliar o que é direito.” (Albert Pike, “Moral e Dogma



do Rito Escocês Antigo e aceito da Maçonaria”, 1871 – tradução adaptada livremente).

Essa fórmula confirma-se no conceito de *struggle for existence* (luta pela existência) anteriormente enunciado por **Charles Darwin** (“Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural”, 1859): na competição dos seres vivos pelos recursos necessários à continuação da vida, vence sempre o mais forte. Aqui, a medida da justiça de Deus não é a medida da justiça humana: os



predadores, animais que dominam a cadeia alimentar, impõem seu direito à vida sobre os animais mais fracos. Na natureza animal a justiça de Deus “reconhece” o direito do mais forte em virtude de suas características de excelência na caça.

Por outro lado, a pequena medida de justiça humana torna-se grande em não reconhecer esse mesmo direito na sociedade humana. A civilidade faz valer a força do direito protegendo os mais fracos dos impulsos e da violência dos fortes. Nossas leis existem para garantir a todos, com imparcialidade, a continuação da vida, da liberdade e das oportunidades. Pelo menos, assim é que deveria ser...

O respeito à igualdade de direitos foi representado pelos gregos na figura de uma deusa chamada *Diké*, também identificada como *Dice* ou *Astréa*. Ela cuidava da manutenção do direito com uma balança de dois pratos na mão esquerda e uma espada na direita. Na versão romana, chamada *Justitia*, a deusa tinha os olhos vendados, emblema da imparcialidade. Até que fossem apurados todos os fatos, o fiel da balança permanecia equidistante dos pratos e, em caso de dúvida, os julgadores se pronunciavam pela absolvição (*in dubio pro reo* – na dúvida, a favor do réu).



Diké cuidava da manutenção do direito com uma balança de dois pratos na mão esquerda e uma espada na direita.

O princípio de presunção da inocência pressupõe dúvida; por isso inexistente no julgamento divino. Prossegue **Albert Pike** na obra citada:

“A justiça humana mantém apenas as relações entre os homens e o equilíbrio entre as nações. Toda a máquina que constitui o Estado ou a comunidade dos Estados é uma tentativa de organizar a justiça prática na organização deste mundo. Mas não é aquela justiça ideal das ordenanças de Deus. Por isso, todo Estado progressista precisa rever suas leis de tempos em tempos, procurando aproximar-se da mais extrema justiça possível” (tradução adaptada livremente).

Ressalvados os antigos deveres e as tradições da Ordem, essa revisão é um dos procedimentos em mira na Maçonaria do Rito Escocês Antigo e Aceito: um processo em direção ao ideal, ainda que inefável – *ad astra per aspera* – “por ásperos caminhos e em direção às estrelas” – provérbio equivalente aos disticos *Ordo Ab Chao* e *Deus Meunque Jus*.

ORDO AB CHAO, síntese da doutrina fundamental da Maçonaria, denota que a justiça, em todas as coisas, só se realiza a partir de uma alteração substancial do *status quo* – o estado atual das coisas – para se atingirem estruturas mais



“Trazei-me uma espada e dividi em duas partes o menino; e dai metade a uma mulher e metade a outra.”





“Absolvição, se o coração pesasse menos que a pena de avestruz; condenação, se mais pesado.”

organizadas. O caos, vazio primordial desordenado e indiferenciado, é símbolo maçônico da ignorância e escuridão intelectual das quais o homem é resgatado pela luz da verdade, ensina **Albert Gallatin Mackey** (1807-1881). Essa metafísica, que ele denomina “recôndito significado”⁽¹⁾, é a meta do verdadeiro Maçom e o método da verdadeira Maçonaria (**Albert G. Mackey**, “*Enciclopédia da Maçonaria*”, 1873-1878).

No Gênesis bíblico, Deus parte do caos criado por Ele mesmo, para estabelecer a ordem: “No princípio Deus criou os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo (**chaos**), e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: ‘Haja luz’, e houve luz (**ordo**)” (Gênesis 1: 1-3; os negritos entre parênteses são meus).

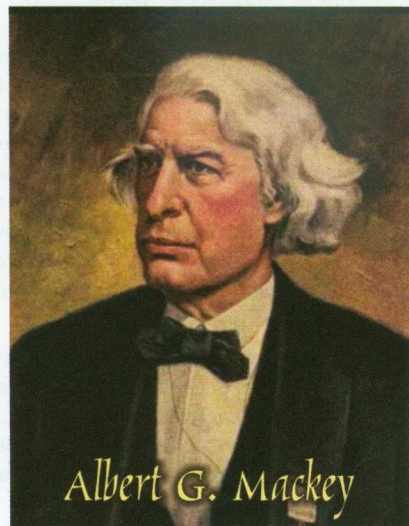
O exemplo humano – nossa pequena medida de justiça – aparece em Reis I, 3:16-28 quando **Salomão** provoca o estado de **chaos** – mandando matar uma criança – para em seguida estabelecer **ordo**:

Duas mulheres vieram diante de **Salomão**, ambas alegando ser a verdadeira mãe de uma criança. **Salomão** acirrou o caos dizendo: “Trazei-me uma espada e dividi em duas partes o menino; e dai metade a uma mulher e metade a outra”. Mas a verdadeira mãe sentiu estremecer suas entranhas e disse: “Ah, meu senhor! dai-lhe o menino vivo, mas de modo nenhum o mateis.” Assim **Salomão** alcançou a ordem e sentenciou: “Dai a esta mulher o menino vivo; ela é a verdadeira mãe” (texto bíblico adaptado).

A compreensão da justiça no Rito Escocês Antigo e Aceito depende desse entendimento de que há uma justiça divina – insondável porque inefável, a iluminar palidamente a justiça humana – *meunque jus*. (**DEUS MEUNQUE JUS** traduz-se por “Deus e o meu direito”. A partícula ‘que’ corresponde à conjunção enclítica ‘e’ unindo vocábulos).

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) enunciara esse mesmo pensamento assim se expressando:

“Há no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude pelo qual julgamos as nossas ações e as do próximo como boas ou más. É esse princípio que denomino consciência! Instinto divino, voz celeste e imortal... juiz infalível do bem e do mal!” (Jean-Jacques Rousseau, “*Emílio, ou Da Educação*”, 1762).



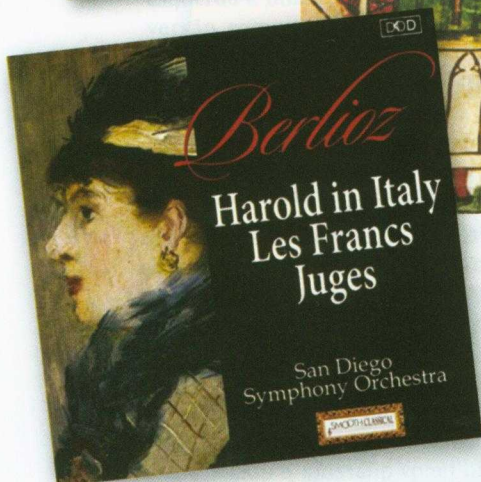
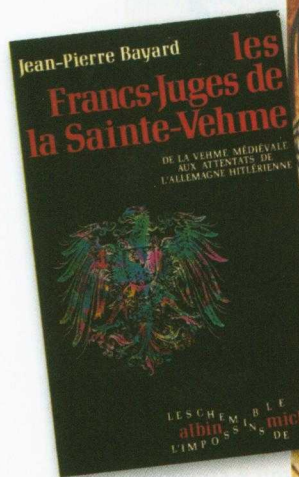
Albert G. Mackey

Tribunais Inquisitoriais

A morte e as representações alegóricas sobre o destino da alma foram pontos de realce entre os egípcios. Em sua mitologia, recorreram ao símbolo da barca solar que mergulhava no poente transportando o morto para os domínios subterrâneos onde velavam os “juizes da dupla câmara”. **Osiris** tomava assento rodeado pelos quarenta e dois árbitros das “leis da verdade”. E o julgamento começava. Mas o morto não tinha o direito de se defender; cumpria-lhe apenas admitir o que fizera e o que deixara de fazer em vida.

Seu coração era arrancado do peito e colocado num dos pratos da balança; no outro prato, a leveza de uma pena de avestruz, emblema de **Maat**, deusa da verdade. **Horus** (deus que na Maçonaria corresponde ao “olho que tudo vê”) e **Anubis** (deus-chacal dos mortos) observavam a pesagem dos pratos⁽²⁾. **Thoth** (deus dos escribas) anotava o resultado e **Osiris** pronunciava a sentença: absolvição, se o coração pesasse menos que a pena de avestruz; condenação, se mais pesado. Na absolvição, o morto seria reintegrado na natureza divina ou optava por renascer na “morada dos bem-aventurados”. Sendo a sentença condenatória, o morto e sua





Tribunal da Santa Veheme, miniatura no livro medieval Herforder Rechtsbuch (ca. 1375)

O tema da Santa Veheme tem inspirado livros e música, como a ópera *Les Francs Juges*, de Hector Berlioz, compositor francês, da qual somente ficou a Abertura

A palavra 'santa' em *Vehme* não se refere a nenhuma mulher canonizada, mas às instituições dotadas de “excelência moral” na defesa da Igreja. O mesmo adjetivo foi usado para a Santa Inquisição e o Santo Ofício. *Vehme* (*vehement, vehementem*) significa algo guiado pela força – impetuoso, violento, furioso e ardente – impulsionado (*vehere*) por uma fé apaixonada.

Se alguém acusasse um desafeto seu a esses tribunais, o infeliz era preso ao amanhecer, mesmo que não tivesse feito mal algum. Um bilhete acusatório, cravado com punhal na porta de casa, transformava qualquer pessoa em malfeitor. Em seguida, uma série de decisões rápidas: um tribunal desconhecido, sem motivações claras nem acusadores identificáveis, nem cartórios, nem autos. As absolvições eram, por isso mesmo, raríssimas. As penas mais comuns eram a de morte na fogueira, o martírio por empalação, a estripação, a roda da tortura, a esmagadura de cabeça e o garrote.

Tribunais do Inconsciente

O termo 'kafkiano' faz parte do nosso léxico como relativo ao escritor judeu, de língua alemã, **Franz Kafka**, nascido em Praga no ano de 1883 e morto na Áustria em 1924. **Kafka** – um dos mais importantes e influentes escritores do Século XX – permanece associado às atmosferas de pesadelo ou situações do inexplicável e do absurdo. Sua obra mais famosa, “*O Processo*”, começa bruscamente assim:

“Por certo alguma pessoa havia acusado Josef K., pois ao amanhecer ele foi preso sem que tivesse praticado nenhum mal.”
(3)

A narrativa, não sujeita a qualquer lógica, introduz um personagem processado, preso, condenado e morto sem que ele ou os leitores saibam o motivo, quem o acusava, onde estariam os autos ou quais seriam os juízes.

Na obra de **Kafka** transparece um paralelo com a teoria psicanalítica de **Sigmund Freud** (1856-1939), seja pela angústia e estranhamento do personagem diante dos sistemas sociais que esmagam o indivíduo, seja pela incapacidade de ele compreender os próprios sentimentos que atuam sobre seu comportamento.

Antes de “*O Processo*”, **Kafka** escrevera outra história ainda mais perturbadora – “*A Metamorfose*”, que principia também de súbito com esse acontecimento insólito: “Numa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa se

alma eram devorados por *Amit*, monstro do Nilo com cabeça de cachorro, e mergulhava para sempre na escuridão. Essa aniquilação da personalidade assemelha-se ao pote imperfeito que o oleiro devolve ao barro (segunda morte ou retorno ao caos):

“Como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel.” (Jeremias -18:6).

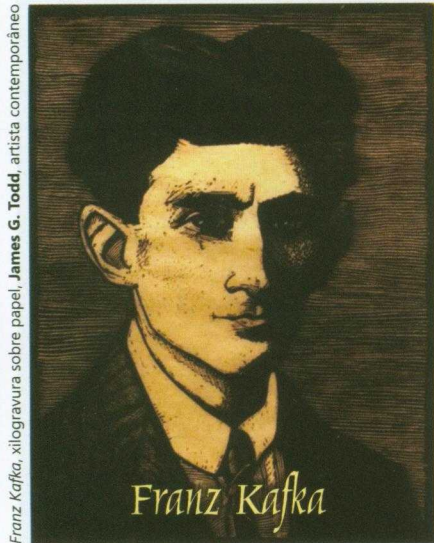
O Rito Escocês Antigo e Aceito, como todos os demais sistemas maçônicos, requer **reflexão** diante dessas questões sobre a natureza íntima do homem e o equilíbrio social. Deste modo, a liturgia do Rito expõe o tribunal de *Osiris* em paralelo com as cortes inquisitoriais havidas na história da humanidade, sendo a *Santa Veheme* a mais abusiva delas.

Na Idade Média, a partir da coroação de **Carlos Magno** pelo **Papa Leão III** (ano 800), as alianças das monarquias com o clero transformaram-se em pactos que vieram a fortalecer as Ligas da Corte Sagrada e os tribunais da *Santa Veheme*.

Esses tribunais secretos e inquisitoriais eram compostos por juízes livres (*francs-juges* ou *Freischöffen*) de submissão ou obediência a quaisquer outras instâncias do poder. Estavam sob sua alçada todos os crimes contra o Império e a autoridade do Papa – os chamados “crimes contra Deus”. A justificativa bíblica foi buscada nas epístolas de São Paulo:

“... Todos devem sujeitar-se às autoridades superiores porque não há autoridade que não venha de Deus” e “... Lembra a todos que devem ser submissos aos que sobre eles governam” (Romanos 13:1 e Tito 3:1).





Franz Kafka, xilogravura sobre papel, James G. Todd, artista contemporâneo

percebeu transformado num inseto gigantesco” (4).

Nas duas situações – em “O Processo” e em “A Metamorfose” – a vítima se vê subitamente submetida a uma situação que altera o curso de sua vida sem ter feito nada por merecer. Kafka se depara com a impossibilidade de ser feliz diante das pressões a que ele mesmo foi submetido: o antisemitismo germânico reinante na Checoslováquia, sua indignação com o modo agressivo de seu pai e a interrogação inconformada diante da frágil condição humana – “por que estamos aqui?” Por que Gregor Samsa foi transformado num inseto? “Qual a razão do sofrimento humano?” Por que Josef K. foi processado? Existe uma justiça universal em harmonia com Deus, a natureza e o homem para promover o bem ou restaurar a felicidade humana?

Nem a literatura de Kafka, nem a filosofia do Rito Escocês Antigo e Aceito deixam um vácuo como resposta às contradições entre as leis da natureza e a justiça humana.

Kafka dizia que “*crer no progresso não significa que o processo já se efetuou*”. Na luta contra o resto do mundo é aconselhável colocarmos de lado o resto do mundo e confiarmos apenas em nossa própria iniciativa.

Albert Pike escreveu:

“*Fidelidade às suas próprias faculdades e confiança em suas convicções – essa é a justiça para você. Uma vida submetida a essa vontade – tal é a justiça para com os demais... depois de longo tempo, virá o dia do acerto de contas para as nações ou para o indivíduo*” (obra citada, tradução adaptada livremente).

Para a literatura de ficção, assim como para a filosofia iniciática, o caminho justo passa sobre “*uma corda esticada pouco acima do chão, mais destinada a fazer com que as pessoas tropecem do que levá-las ao seu objetivo*” – o enunciado também é de Kafka.

O discernimento possível entre uma coisa e outra, entre a crença e a luta pela justiça, são colocados em confronto nas páginas finais de “O Processo”, quando Kafka transcreve esta lenda:

Um homem veio do campo e postou-se em frente ao palácio da lei onde estava um guarda. Pediu-lhe que o deixasse entrar, mas o guarda respondeu que naquele momento não seria possível; mais tarde talvez. O portal que dava acesso à lei permanecia entreaberto e o guarda se afastou para o lado. O homem aprendera que a lei foi feita para todos e aventurou-se a olhar para o interior do palácio. O guarda percebeu e disse: “Se você está tão atraído, entre apesar da minha proibição; sou forte, mas não passo do menor dos guardas. Em cada sala há outros guardas, cada um mais forte do que o outro.” O camponês achou melhor esperar outra ocasião. Sentou-se num pequeno banco e ali permaneceu durante anos. Enquanto isso, fazia tentativas e pedidos ao guarda, inclusive tentando suborná-lo. Obcecado, esqueceu-se de que havia outros guardas e imaginava que aquele primeiro era o único obstáculo à sua admissão. À medida que envelheceu, sentado naquele

banco do lado de fora, já não fazia outra coisa senão resmungar. Durante anos estudara o guarda até conhecer as pulgas na gola do seu capote. Quando já não lhe restava muito tempo de vida, fez um sinal ao guarda para que se aproximasse. E perguntou: “Se todos desejam a lei, como se explica que durante esses anos ninguém, a não ser eu, veio aqui pedindo para entrar?” Percebendo que o homem estava perto do fim, o guarda se apiedou e disse no ouvido do moribundo: “Aqui, ninguém, a não ser você, poderia entrar; pois este portal é destinado apenas a você. Agora vou embora e fecho a porta para sempre” (5).

Cabe ao Maçom, como livre pensador, apreender o conteúdo e alcance dessa lenda. ▲

Notas

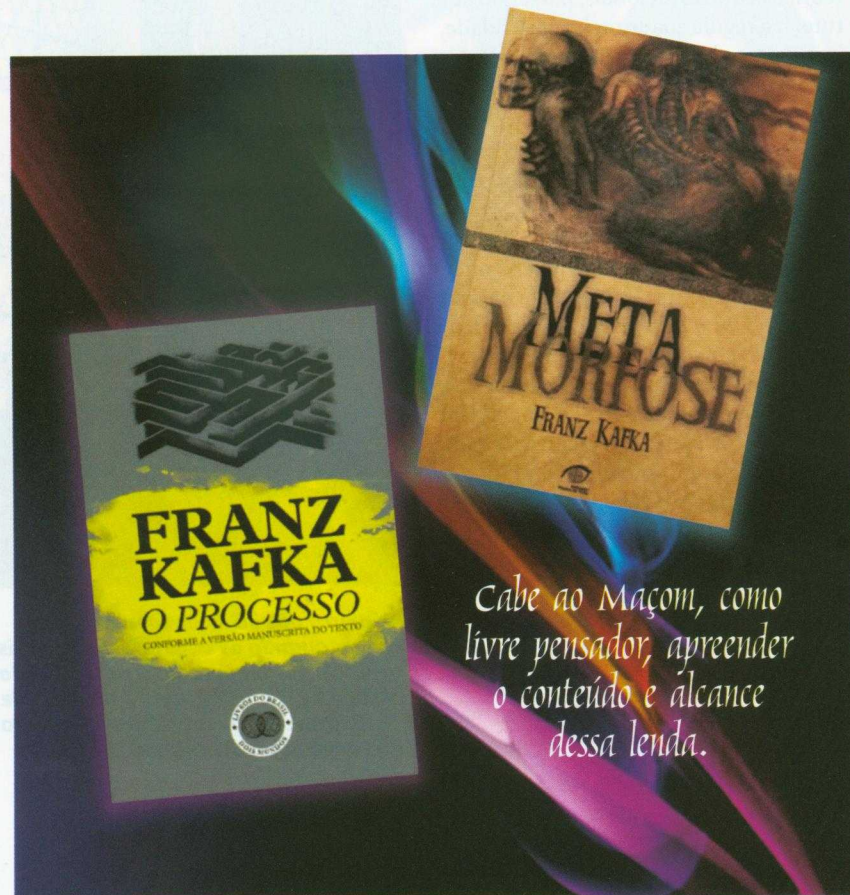
(1) “*Light out of darkness... It has a recondite meaning. In the primeval ages and in the early mythology, darkness preceded light.*” (Luz na escuridão... tem um significado recôndito. Nos tempos primitivos e na mitologia, a escuridão precedeu a luz) – obra citada.

(2) A associação de Anúbis com chacais deve-se ao fato de esses animais perambularem pelos cemitérios desenterrando ossos.

(3) “*Der Prozess*”, escrito por volta de 1920 e publicado em 1925, após a morte do autor.

(4) “*Die Verwandlung*”, escrito por volta de 1912 e publicado em 1915.

(5) Versão adaptada para este artigo.



Cabe ao Maçom, como livre pensador, apreender o conteúdo e alcance dessa lenda.



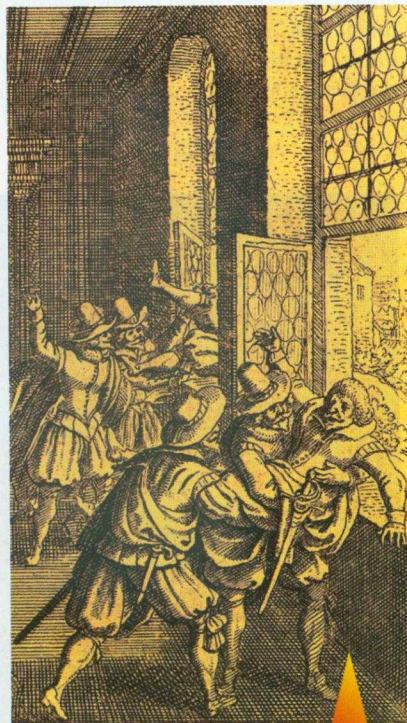
INQUISIÇÃO E MAÇONARIA

Ir.: Silas Andrade, M.: I.: 33º, MRA, KT
Membro da Research Scottish Rite Society

A Maçonaria moderna teve seu berço na Inglaterra no início do século XVIII, a partir de 1717, quando se estruturou organizacionalmente com textos teóricos e constitucionais, passando aí a tutelar a regularidade ou irregularidade, isto é, reconhecer ou não reconhecer as potências maçônicas.

Entre seus textos doutrinários encontramos a *Constituição* de Anderson de 1723 e os Landmarks ou corpus normativo dos maçons fundadores. Dos seis artigos constitucionais da Maçonaria, o primeiro é dedicado a “*Deus e a Religião*”, onde lê-se textualmente: “*Um maçom obriga-se a respeitar a lei moral; e, se ele entender corretamente a Arte (maçônica), nunca será um estúpido ateu ou um libertino religioso*”. Em sua linguagem simbólica, os Maçons regulares de todo mundo declaram trabalhar “*à glória do Grande Arquiteto do Universo*”, praticando seus rituais, insculpidos dogmaticamente sobre o texto bíblico, onde serão encontrados todos os graus. A Maçonaria afirmou desde seu início uma forte vinculação com os valores concretos do cristianismo.

No século XVII, a Europa não estava mais disposta a se sujeitar à hegemonia da



A Guerra dos 30 Anos começou em Praga, quando os emissários imperiais católicos foram jogados pela janela do castelo de Hradčany, em 23 de maio de 1618, provocando o conflito sangrento que devastou a Alemanha.

Igreja e de seus dogmas. Houve uma grande proliferação de seitas e de filosofias místicas, tentando-se inclusive uma adaptação desse pensamento místico à política. Surge então em 1614 o pensamento Rosacruzianista, uma busca de uma nova idade do ouro. Com sua visão gnóstica, mais abrangente, tolerante, sofisticada e, especialmente, mais honesta que o catolicismo e o protestantismo, fez com que a Igreja se sentisse ameaçada por ela, fazendo com que o Santo Ofício a colocasse lado a lado com as bruxas, os proscritos, os judeus e outros, que passaram a ser cassados e perseguidos. Contudo, o alvo primordial do Santo Ofício era o Protestantismo, cuja ofensiva foi retratada na guerra dos 30 anos, ocorrida entre 1618 e 1648.

Iniciada na região da Boêmia, no Sacro Império Germânico, envolveu Luteranos e Católicos. Teve como pretexto a derrubada de dois templos luteranos na Boêmia, contrariando a liberdade religiosa que vigorava desde o reinado de Rodolfo II. Sua primeira fase deu-se sob o comando do Imperador Fernando II (católico). Com o apoio dos Habsburgos espanhóis, ele venceu os protestantes em 1620. A segunda fase adquire dimen-



são internacional. França e Inglaterra não intervieram por estarem com dificuldades internas, mas **Christian IV**, rei da Noruega e da Dinamarca, apoiou os protestantes alemães, mas foi derrotado. A terceira fase da guerra envolveu a Suécia, sob **Gustavo Adolfo**, que venceu batalhas, mas pereceu na luta. Os protestantes acabaram derrotados em 1632. A última fase envolveu diretamente a França, governada pelo Cardeal **Richelieu**, que orientava sua política externa no sentido de transformar a França em potência na Europa. Declara então guerra à Espanha em 1635. O conflito se estendeu até 1648, quando a Espanha, muito enfraquecida, aceita a derrota. Foi um conflito semelhante a uma guerra mundial.

A Inglaterra, sob o protetorado de **Cromwell**, tornou-se definitivamente protestante. O protestantismo se espalha em direção à Escandinávia, ao norte da Alemanha e à Holanda. Esta, em plena fase emergente da navegação marítima e ambicionando ampliar seus territórios além-mar, invade as colônias portuguesas e espanholas.

A França consegue suplantar a Espanha em poderio bélico e militar, o que era muito ruim para os planos da Igreja. Desde a guerra dos 30 anos, a política francesa não era traçada por **Luiz XIII**, mas pelo seu poderoso primeiro ministro, o **Cardeal Richelieu**, que, embora católico em país católico, abraça a causa protestante. As prioridades da França, então, estavam menos focadas no trono de **São Pedro** e mais no trono do futuro **Rei Sol** e na corte de Versalhes que, muito independente do controle papal, já nomeava seus próprios bispos. Torna-se precária a autoridade da Igreja.

Na Inglaterra e na Escócia ela já desaparecera desde **Henry VIII**. Mas retornaria quando **Charles I** tentou reintroduzir o catolicismo, mas foi derrotado e executado pelo protestante **Oliver Cromwell**. Quando **Cromwell** morreu, os **Stuarts** retornam ao trono com **Charles II**, filho de **Charles I**. Não teve descendentes e seu irmão **James II**, assume o trono e se converte ao catolicismo. O Papa pensa na reintrodução do catolicismo nas Ilhas Britânicas. Contudo, a Grã-Bretanha continua antipapista. **James II** é repudiado pelos britânicos,

A Maçonaria floresceu na Escócia, Inglaterra e Irlanda, sendo sua história inapelavelmente associada às lutas na tempestuosa sucessão do trono britânico.

que oferecem a coroa a **William de Orange**. **James II** é deposto, dando fim à dinastia **Stuart**, e o parlamento aprova uma legislação impondo que “*nenhum católico sentar-se-ia em um trono britânico*”.

Os **Stuarts**, católicos professos, fogem para o exílio e tentam fomentar uma rebelião na Escócia.

Logo depois, em meados do século XVIII, a França, sob a influência do Racionalismo Cartesiano, assume a vanguarda do sentimento anti-clerical, destacando-se nessa época **Montesquieu**, **Diderot** e **Voltaire**. O clero torna-se motivo de piadas e zombaria. O **Santo Ofício** é ridicularizado. O texto *Les Philosophes* representa, naquele momento, um grande desafio para a Igreja. Outro desafio era a Maçonaria, disseminando ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

A Maçonaria

A Maçonaria se firmara na Escócia e na Inglaterra no início do século XVII. O primeiro registro da iniciação de um membro não operativo em Loja Maçônica é o de **John Boswell**, na Loja de Edimburgo – transcrito no *Manuscrito nº 1*, também chamado de *Rolls York*, que se encontra na Loja de York nº 236, que contém a palavra *Maçom*, datado de 1600 (fonte: *The Masonic Timeline*)

Ao fim do protetorado de **Cromwell** e no retorno dos **Stuarts** ao trono inglês, com **Charles II**, em 1660, a Maçonaria já se encontrava disseminada nos domínios britânicos. Os **Stuarts**, quando foram para o exílio, levaram consigo a Maçonaria e teve início a proliferação de Lojas pelo continente.

A primeira **Grande Loja** é formada em 24 de Junho de 1717 – dia de São João Batista – em Londres, por quatro Lojas reunidas no distrito de Westminster.

Estamos no ano de 1723 e a Maçonaria se firma como instituição. **James Anderson** publica a primeira *Constituição* maçônica.

A partir de 1725, são formadas as primeiras Lojas fora das ilhas britânicas, na França, por **Charles Radclyffe**, **Conde de Derwentwater**, neto ilegítimo de **Carlos II** da Inglaterra, que ao tentar voltar à Inglaterra para lutar pelo retorno dos **Stuarts**, é preso e decapitado em 1746, por delito de alta traição.

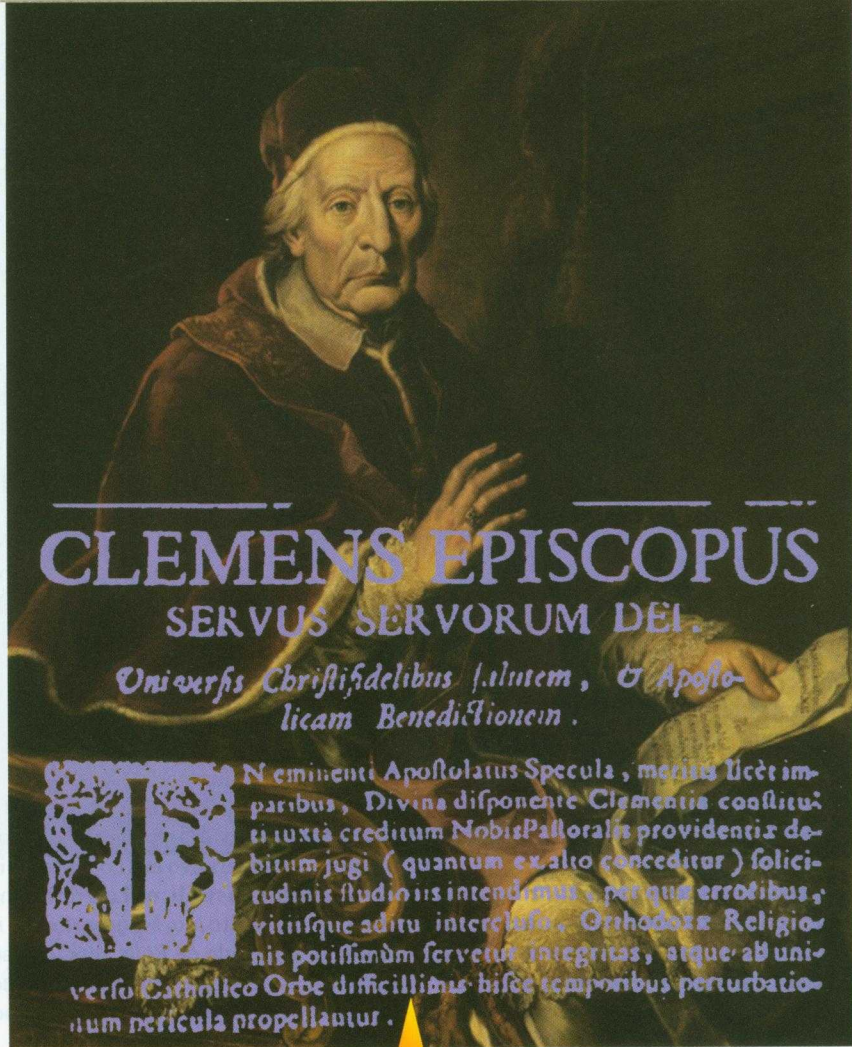
Na Áustria, a primeira Loja é fundada em 1726, em Praga. O **Duque Franz Stephan de Lorena**, que vem a ser o marido da rainha **Maria Theresia Von Habsburg**, trouxe a Maçonaria para Áustria e vem a ser regente daquele país, conseguindo evitar, em 1738, os efeitos da Bula *In Eminent*, de **Clement XII**, de excomunhão contra os Maçons, na Áustria.



Mais tarde o Duque funda a Loja de Viena e estende sua proteção à Maçonaria em todo império **Habsburgo**.

A Maçonaria se enraíza pela Europa. Lojas são fundadas em diversos países: na Itália, em 1733; na Holanda, em 1734; na Suécia, em 1735; na Suíça, em 1736. A primeira Loja alemã, a de Hamburgo, data de 1737. Em 1738, **Frederico II**, o Grande, da Prússia, é iniciado e logo, em seguida, funda uma Loja em seu castelo – Rheinsberg. Em 1740 é fundada a Loja de Berlim.

No próprio núcleo da *Inquisição*, Espanha e Portugal, são fundadas Lojas. A primeira referência a uma Loja maçônica constituída em Portugal data de 1728, fundada pelo inglês **Willian Dugood**. Contudo, seu registro foi perdido. Em 17 de abril de 1735, foi regularizada primeiramente sob o nº 135 e depois sob o nº 120 na *Primeira Grande Loja*. Um grupo de Irmãos britânicos, residentes em Lisboa, solicitaram ao Grão-Mestre da Grande Loja inglesa, Lord Weymouth, que lhes fosse concedida uma “*deputation*” (delegação) em solo português. Esta delegação lhes foi concedida e foi então criada a *Loja dos Hereges Mercantes*, como ficou conhecida nos livros do *Santo Ofício*. A Inquisição não a incomodou, por certo devido à nacionalidade e à homogeneidade profissional dos seus membros, protegidos pelos tratados com a Inglaterra. Outras Lojas foram fundadas nesse período, como a *Casa Real dos Pedreiros Livres*, em 1733, constituída



predominantemente por católicos irlandeses. Em 1738, ao ser editada a Bula *In Eminentí*, a Loja foi dissolvida e seus membros protestantes, não acatando a decisão papal, se filiaram as outras Lojas.

A terceira Loja criada em terras portuguesas foi fundada em 1741, por **John Coustos**, em Lisboa. Durou cerca de dois anos e teve um destino muito trágico, como relataremos mais adiante.

Em outros cantos da Europa a Maçonaria crescia em número de Lojas e membros. Na Alemanha, incluíam **Johann Wolfgang von Goethe** e **Friedrich Schiller**; na Grã-Betanha, **Alexander Pope**, **Jonathan Swift**, **Christopher Wren** e **William Hogart**. No continente americano, os principais patriarcas, **Benjamin Franklin** e **George Washington**.

Mas Maçonaria era vista como uma ameaça para a Igreja e seus dogmas.

A maioria das Lojas, à época, defendiam o racionalismo, que orientava o pensamento de seus membros a questionarem os dogmas do catolicismo. Não era e

Quando assinou a bula *In Eminentí*, o Papa Clemente XII, segundo expôs o historiador Pe. J. A. Ferrer Benimeli, estava muito doente e já quase cego. O motivo teve a ver mais relação com a sucessão no trono de S. Pedro do que propriamente com a Maçonaria...

nunca foi intento da Maçonaria transformar-se em uma opção religiosa, mas seus princípios suscitavam questões espirituais, tornando-a eminentemente perigosa para a estabilidade da Igreja. Enquanto esta se apegava obstinadamente ao dogma, imutável durante séculos, a Maçonaria se tornou o pedal acelerador do mundo em vertiginosa mutação do século XVII – Era do *Iluminismo*. Era a Igreja olhando para trás e a Maçonaria olhando para frente. Na contra-mão da Igreja, a Maçonaria congregava em Loja a diversidade de denominações, possibilitando assim a católicos e protestantes conviverem uns com os outros sem estarem arraigados às doutrinas ou dogmas, além de se transformarem em um canal diplomático. Sob uma mesma abóboda poderíamos ver a Prússia protestante com **Frederico II** e a Áustria católica do **Duque de Lorena**. Estiveram em guerra entre 1742 e 1763, mas eram Maçons,

John Coustos, tal como aparece em gravura no frontispício de seu livro.





A Inquisição chegou a Portugal com poderes para buscar e aprisionar pessoas suspeitas de heresia e confiscar suas propriedades. Ao longo de quase 300 anos levou o terror a Portugal e suas possessões, A gravura mostra um Auto da Fé em Goa, na Índia. Milhares de pessoas foram perseguidas, torturadas e mortas na fogueira.

assim como muitos de seus ministros. Por intermédio das Lojas, era possível reunirem-se os “mensageiros da paz” para traçarem acordos de paz e estabelecerem terrenos comuns. Alianças foram formadas visando estabelecer o equilíbrio do poder – era a verdadeira arte diplomática na Arte Real. O progressismo maçônico ante a engessada Igreja, fez com que fossem realizadas, com êxito, grandes negociações, mesmo que em muitas vezes fossem inevitáveis as guerras – e, no século XVII, estas foram mais civilizadas que as de séculos anteriores. Existia menos fanatismo religioso.

Os Ataques

Perplexa ante o crescimento da Maçonaria em solo europeu e nas diversas colônias, a Igreja se viu ameaçada em sua soberania e partiu para o ataque. Em 25 de Julho de 1737, convoca uma conferência secreta do Santo Ofício em Florença, onde reuniram-se o Papa Clemente XII, três Cardeais, o chefe das Congregações Papais Básicas e o Inquisidor Geral,

tendo a Maçonaria na pauta dessa reunião. (Lennhoff, Eugene – *The Freemasons*, Londres, 1978 – pág. 283)

Por um erro estratégico, informações sobre este encontro secreto vazaram. Um jornal de Berlin publicou uma nota em que dizia: “Os eclesiásticos ali reunidos estavam convencidos de que a Maçonaria era apenas uma fachada para um movimento herege muito mais amplo e maléfico que se poderia imaginar, com seus rituais secretos”. Segundo ainda este jornal, Maçons começaram a ser presos desde esse conclave.

No decorrer dos tempos houve movimentos antimaçônicos insuflados pela Igreja que se mobilizara contra a Maçonaria. Nove meses depois desse conclave, o Papa Clemente XII publicou a primeira Bula Papal, entre tantas, que atacavam frontalmente a Ordem, em 28 de Abril de 1738, o édito papal *In Eminenti*, que assim se pronunciava: “Condenação da Sociedade, Lojas... (de) maçons, sob pena de excomunhão a ser incorrida ipso facto, e a absolvição sendo reservada ao Sumo Pontífice”.



O Cardeal Giuseppe Firrao, Núncio Apostólico em Portugal, era italiano de nascença e implacável adversário dos Maçons.



Mais adiante, o Papa declarava que “*é nossa vontade e encargo que, além de Bispos ou prelados mais elevados e outros Ordinários locais, como os delegados Inquisidores de Depravação Herética em outras partes, empreendam ação e façam inquirição contra transgressores de qualquer status, grau, condição, ordem, dignidade ou eminência, e inflijam a eles punição condigna, como fortemente suspeitos de heresia, e exerçam constante contenção sobre eles*”. (**Lenhoff, Eugene** – *The Freemasons*, Londres, 1978 – pág. 283)

Dispostos a não polemizarem com a Igreja, alguns chefes de Estado europeus cederam de imediato aos caprichos dessa Bula.

Na França foram feitas prisões e confiscos de livros maçônicos queimados em público. Na Polônia foram proibidas as reuniões maçônicas em todo reino. Na Suécia, ao ato de se reunir em Loja era punido com morte.

Ante esta repercussão, a Igreja se encoraja e endurece mais ainda a sua perseguição. Em 14 de Janeiro de 1739, o Cardeal **Giuseppe Firrao**, secretário de estado do Vaticano, publica um novo édito, em que afirmava serem todos os maçons, em toda parte, ameaçados de confisco de seus bens, excomunhão e morte. Naquele mesmo ano, um texto maçônico, publicado em Dublin, em francês, foi oficialmente queimado na Piazza Santa Maria Minerva, em Roma, e logo depois, foram presos e torturados diversos Maçons. Um deles conseguiu sua liberdade, graças às doações de Lojas inglesas, que pagaram uma “multa” ao *Santo Ofício*. Outros foram libertados, graças a intervenção de **Francisco de Lorena**, Grão Duque de Toscana.

Logo após a Bula *In Eminenti*, a Inquisição espanhola invade a Loja de Madri, prendendo seus membros, que foram condenados as galés.

Em 1748, a *Inquisição* completava uma investigação, que durara quatro anos, sobre a Maçonaria. Conclui que todos os Maçons estariam sujeitos à excomunhão automática, considerados réprobos perversos que atuam maleficamente contra a Santa Sé e a segurança pública do reino. (**Benimeli, José Antonio Ferrer** – *Iglesias e Ilustracion, Madri, 1976/77* – pág. 234)

Em 18 de Maio de 1751, **Benedicto XIV**, sucessor de **Clemente XII**, emite uma segunda Bula, *Providas*, contra a Maçonaria. Nela são acrescentadas punições mais severas ainda e reeditada a Bula anterior. Apesar de toda ameaça, mais

clérigos e altas autoridades eclesiásticas aderem à Maçonaria. A Loja de Mainz era quase inteira formada por clérigos. Em Erfurt, o futuro bispo fundou uma Loja que se reunia nos aposentos do Abade de um importante mosteiro. Lojas em Viena reuniam padres, o reitor de um colégio teológico e um capelão imperial. Neste mesmo ano, a *Inquisição* conseguiu arrancar um decreto da coroa da Espanha que condenava sumariamente à morte os Maçons, negando-lhes o direito a defesa em julgamento. Ainda naquele ano, o padre **José Torrubia** participou de uma Loja, visando espionar e levantar informações que pudessem comprometer seus membros. Segundo seu relatório, havia na Espanha, naquele ano, 97 Lojas maçônicas. (**Gould, Robert Freke** – *The History of Freemasonry, vol 2, Londres, sd. Pag. 314*).

Esta perseguição duraria mais de 75 anos. Enquanto isto, a Maçonaria cresceria mais ainda se espalhando pelas colônias espanholas e portuguesas.,,

John Coustos, o Mártir

Nascido suíço e naturalizado inglês, o lapidador de diamantes, calvinista e Maçom **John Coustos** estabeleceu uma Loja em 1736, em Paris. Com a descoberta de diamantes no Brasil, colônia portuguesa, John se muda para Lisboa e ali, no ano de 1741, funda uma Loja, que tinha entre seus membros, comerciantes de ouro e diamantes, lapidários e um capitão de navio. Não havia membros portugueses, eram quase todos franceses. O primeiro a ser preso pelo *Santo Ofício* foi

o lapidário francês **Alexandre Jacques Mouton**. Fingindo estarem interessados em fazer negócios, agentes do *Santo Ofício* foram à loja de **Mouton** por volta do meio-dia, horário em que se fechava para almoço, e o prenderam. Seu estabelecimento e sua casa foram revistados à procura de provas que o pudessem incriminar e de textos maçônicos. Ele foi jogado em uma carruagem fechada, comumente usada pela *Inquisição* e foi levado para uma masmorra no palácio da *Inquisição*, onde permaneceu trancafiado e sem contato com ninguém. Visando dar um alibi para seu desaparecimento, o *Santo Ofício* espalhou pela cidade que ele havia fugido com os diamantes de seus clientes. Em 5 de março de 1743, **Coustos** foi preso por volta das 22 horas, quando saía de um café onde estava com amigos. Foi logo algemado, colocado na tal carruagem fechada e imediatamente levado para as masmorras do palácio da *Inquisição*, onde permaneceu incomunicável por dois dias.

Passado este tempo, iniciaram-se então as sessões de torturas e interrogatórios. O *Santo Ofício* queria saber quantas Lojas funcionavam em Portugal e o que se fazia em Loja. **Coustos** fingiu revelar alguns detalhes sobre o que era praticado em Loja e, não resistindo às torturas, denunciou mais doze membros de sua Loja, os franceses. Uma ata da sessão de 25 de abril daquele ano, relata que: “*fui colocado sobre o cavalete e informado pelo notário que se morresse durante a operação, se um de seus membros fosse quebrado ou se ele perdesse um de seus sentidos, seria por sua culpa e não dos senhores inquisidores... depois, estando*



12



amarrado, ele sofreu toda tortura prescrita que durou mais de um quarto de hora". (Coustos, John - *The Sufferings of John Coustos for Freemasonry*, Londres, 1746- pág. 52)

Ainda na narração do próprio Coustos: "...fizeram com que eu me deitasse sobre um cadafalso, de costas, onde, depois de terem me alongado com todas as suas forças, eles me prenderam por meio de uma anilha que colocaram em meu pescoço, e de um anel de ferro em cada pé. Uma dessas extensões me causou dores terríveis, mas isso era apenas o princípio dos tormentos horrorosos que eles haviam resolvido me fazer sofrer. Eles me amarraram com esse objetivo usando oito cordas pequenas, duas em cada coxa. Essas cordas passavam por furos que existiam no cadafalso (era o ecúleo - instrumento de tortura para desconjuntar os membros - n.a) e, ao menor sinal dado pelos bárbaros inquisidores davam, elas eram todas puxadas e apertadas ao mesmo tempo por quatro carrascos que estavam em baixo e apertavam o torniquete. Para avaliar o tormento que suportei nesse momento fatal, basta saber que as cordas, que eram feitas de um fio muito fino e cuja grossura era igual à de um dedo mínimo, entravam nas carnes até os ossos e faziam jorrar sangue por oito lugares diferentes, por onde elas cortavam meus membros..." (pág. 53)

Coustos fora torturado para se obter a confissão de que as confissões anteriores eram verdadeiras. "Quase um ano após, Coustos receberia outra sessão de ecúleo... (Varcher, S. - *John Coustos and the portuguese inquisitions, Ars Quantuor*



Coronatorum, 81, 1968, pág. 66). Levado à uma sala escura, sem janelas, iluminada somente à luz de velas, com portas almofadadas para não passarem os gritos e gemidos, seis agentes do Santo Ofício aplicavam a tortura. Quando desmaia-va, era levado ao cárcere para recuperar-se. Nessa sessão de tortura, Coustos teve os seus braços esticados para trás, deslocando os ombros e fazendo escorrer sangue pela boca. Fizeram isto por três vezes e o levaram ao cárcere, onde foi examinado por um médico, um cirurgião, que o consertou, causando grandes dores (Coustos, pág. 64 e 65).

Dois meses depois, Coustos foi submetido a uma terceira sessão de tortura. Desta vez, colocaram uma grossa corrente em torno de sua barriga e amarram seus braços a duas cordas que iam sendo apertadas por meio de uma catraca. Sua barriga foi seriamente ferida e seus pulsos também. Novamente os médicos o consertaram para que fosse repetido o processo duas semanas depois. Ele não mais conseguia levar a mão à boca.

Em 6 de maio de 1744, finalmente saiu a sua primeira sentença, condenando-o às galés, ou seja, a trabalhos forçados. Depois, por decisão dos inquisidores, ratificada por um novo julgamento, em 21 de junho daquele mesmo ano, sua pena foi reduzida para quatro anos. Os acusados desfilaram algemados até a igreja de São Domingos, onde lá os esperavam o rei, príncipes, a realeza e uma multidão. (Vatcher, pág.189).

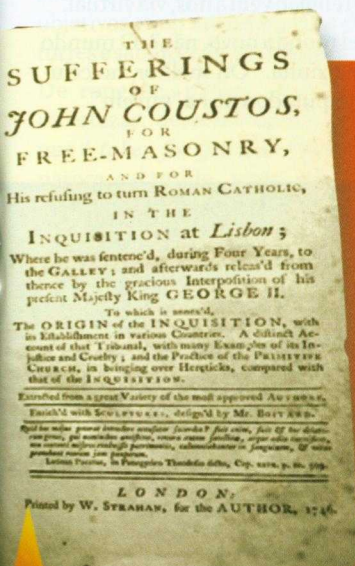
Depois de sua condenação, Coustos ficou muito doente e foi internado por 2 meses na enfermaria. Ali, novamente foi visitado por monges irlandeses, que lhe prometiam liberdade em troca de sua conversão à Igreja. Mais uma vez Coustos recusa. Da enfermaria, ele consegue

Para que conseguissem livrar Coustos das masmorras do Santo Ofício, seus benfeitores usaram de toda sua influência como homens de estado.

"atravessar" uma carta para seu cunhado, que trabalhava na casa de um importante Maçom, o **Conde de Harrington**. Este intercedeu por ele junto ao Real Secretário de Estado, o **Duque de Newcastle**, que, por sua vez, instruiu o embaixador britânico em Lisboa visando conseguir a libertação de Coustos, o que ocorreu naquele mesmo ano.

Como não havia navios britânicos ancorados no porto, Coustos embarcou de imediato em um navio holandês, com a permissão do capitão da frota, um almirante. Tendo em vista que agentes do Santo Ofício rondavam o porto para descobrirem onde se encontrava Coustos, para novamente o prenderem, o almirante o manteve escondido por três semanas, até que zarparam. Coustos chega em Londres em 15 de dezembro de 1744. Sobre sua prisão, Coustos relatou: "Eu tenho simplesmente motivos demais para rezear que sentirei os tristes efeitos dessa crueldade enquanto viver; sendo tomado de tempos em tempos por dores excruciantes, com as quais jamais fui afligido até ter o infortúnio de cair nas impiedosas e sanguinárias mãos dos Inquisidores." (pág.67)

Dois anos depois desse relato, Coustos falece. Antes de sua morte, ele escreveu um livro relatando toda a sua história e seu sofrimento pela Maçonaria. Os sofrimentos de John Coustos pela Maçonaria, foi publicado em Londres, no ano de 1746, e republicado em 2004 pela Kessinger Publishing, USA. ▲





Em louvor ao livro

“O aspecto mais triste da vida é que a ciência ganha conhecimento mais rápido do que a sociedade ganha sabedoria.”

Isaac Asimov (1920-92)

Ir.: João Guilherme C. Ribeiro, 28º

Parece redundante que seja necessário defender o livro, sem dúvida o mais nobre instrumento para a evolução da humanidade. Todavia, em face do que progresso vertiginoso das comunicações e na falta da percepção histórica, o livro parece estranhamente fora de contexto. O livro não precisa de energia, quando tudo ao redor, sim. Não muda de aspecto nem de opinião, quando tudo ao redor, sim. O que está nele não pode ser apagado, seja bom ou ruim, quando tudo ao redor, sim. Só tem uma coisa: 100% do que a humanidade sabe está nos livros! Há uma

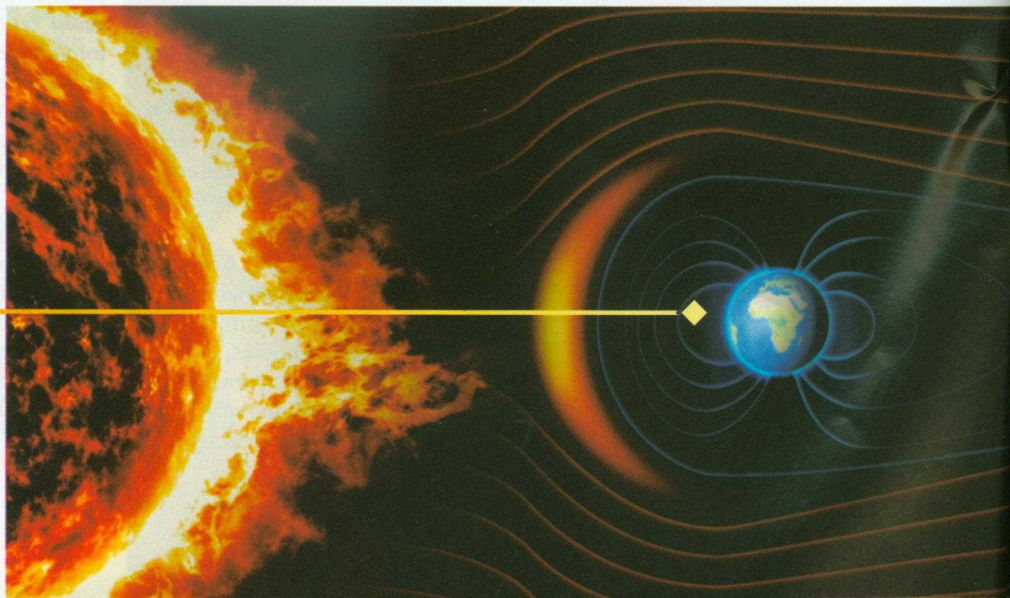
expressão em inglês que descreve muito bem boa parte da nossa atitude atual frente a quase tudo: *to take for granted*, quer dizer, ter como certo, como garantido. Tudo parece estar ao alcance das nossas mãos. Um *click* do interruptor... aí está a luz. Mais alguns *clicks*... e falamos com o mundo. *Click, click, click*... informação, relacionamento, esclarecimento, esporte, notícias, comida, tudo está à mão. *Click, click, click*... até religião vem a nós, via virtual.

Admirável mundo novo, não? O mundo em uma caixinha. Ou melhor, no celular, nos computadores e na “nuvem”.



14

Até certo ponto, a Terra está protegida das tempestades solares pelo seu “escudo” magnético. Até certo ponto.



O mundo na ponta dos dedos, 100% virtual e, diríamos, tudo garantido, tudo *taken for granted!*

Perigos à espreita

Mas... será mesmo tão garantido assim? E se essa famosa “nuvem” for para o espaço? Não, não falo de teorias da conspiração, embora ambas – as teorias e as conspirações – sejam bem reais.

Falo até de fenômenos naturais. Como as tempestades magnéticas do Sol, por exemplo, que são uma rajada de partículas e campos magnéticos que são lançados do Sol a 8.000.000 de km por hora.

“*Tempestades geomagnéticas sobre a Terra podem impedir a operação de redes elétricas e temporariamente danificar telecomunicações de rádio e satélites*”, disse o *Space Weather Prediction Center* da NOAA – *National Oceanic and Atmospheric Administration*, a fonte oficial americana que emite avisos e alertas sobre o tempo no espaço e seu impacto na Terra. Em setembro de 2011, ela avisou sobre uma forte tempestade magnética na Terra, resultante de uma grande explosão na coroa solar, dois dias antes. A escala das tempestades solares vai de G1 a G5, que é a mais violenta. Aquela pegou de raspão. Foi “*apenas*” de intensidade G2...

Agora, falemos de conspiração. De repente, um grupo de extremistas ansiando poder resolve paralisar o país ou um governo agressivo resolve, para desviar a atenção de seus problemas internos, atacar um seu vizinho. Qual seria o alvo prioritário? As comunicações, obviamente! Se no passado, os objetivos eram militares, hoje eles são as torres e satélites de comunicação.

De repente, países são cenários de incertezas, desorientação e pânico. O que é *taken for granted*, tudo o que nos parece garantido, virou pó. “*Não sei quais as armas serão usadas na III Guerra Mundial, mas a IV Guerra Mundial vai ser combatida com paus e pedras*”, disse **Albert Einstein**. Somos usuários tão ferozes, tão dependentes do virtual eletrônico, que não consideramos as alternativas. A comodidade e as possibilidades infinitas desconsideram

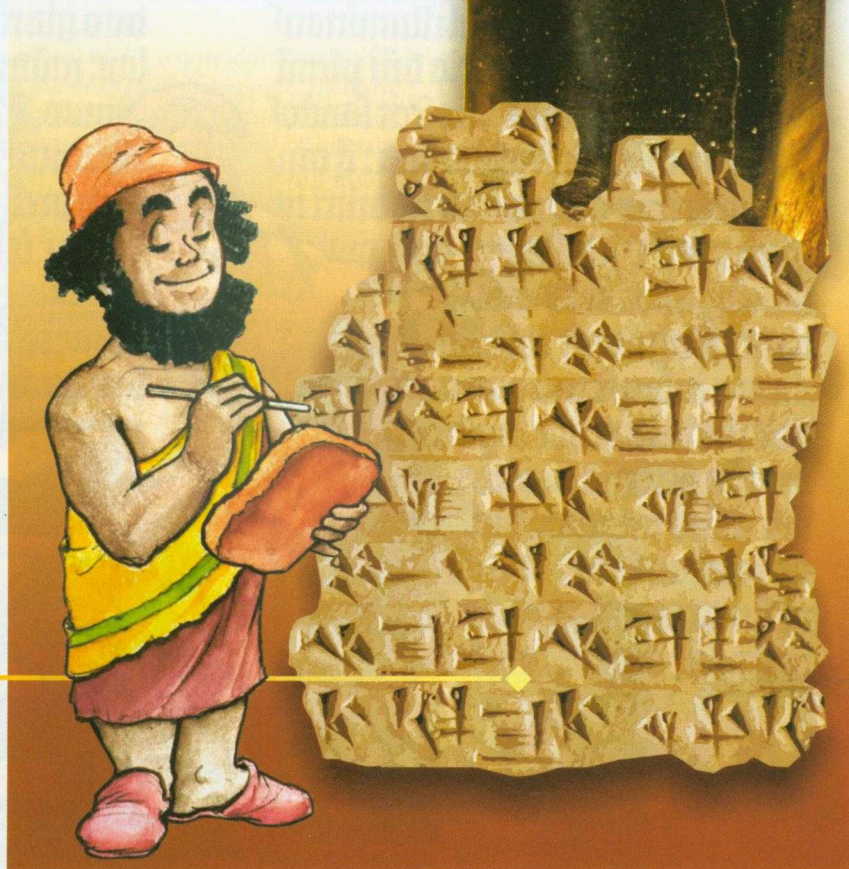
que os *chips*, *motherboards*, *smartphones* e todas essas maravilhas do admirável mundo novo são tão perecíveis quanto nós mesmos. E nessa hora em que o *homo sapiens mundi*, de repente, virou *homo sapiens solo*, como ficaremos? Voltaremos ao neolítico, ao quadrado número um do jogo da evolução intelectual?

Claro que não.

O divisor de águas

Nem sempre lembramos disso, mas história só é chamada de história com o advento, uns 5.000 anos atrás. Todo o período que vem antes é chamado de pré-história. Pois é, deixar registros escritos caracteriza uma civilização avançada.

O sexto rei da Babilônia, **Hamurabi**, lá por volta de 1.750 anos antes de Cristo, mandou inscrever suas leis em pedra e estelas de argila. A cópia mais conhecida dessas 282 leis está inscrita em um basalto de mais de dois metros de altura, hoje no Museu do Louvre, onde aparece o Rei recebendo as leis do deus da justiça, **Samas**. Assim, pelo que lá está determinado, seus súditos passaram a entender a relação entre delitos e punições. Ladrões e perjuros seriam punidos com a morte, enquanto caluniadores seriam marcados na



Com as facilidades que temos nas comunicações é fácil esquecer o longo caminho que a escrita percorreu desde os primórdios. E também que foi o aparecimento da escrita que dividiu nosso passado em pré-história e história!

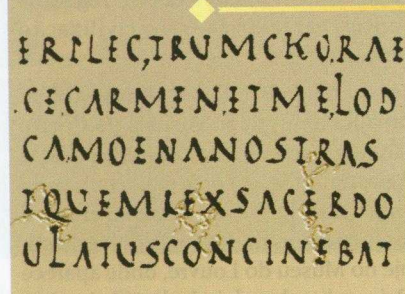
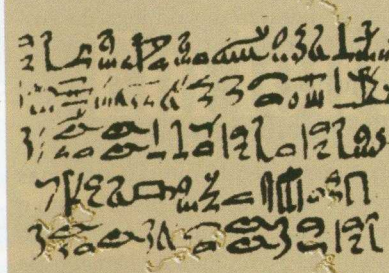
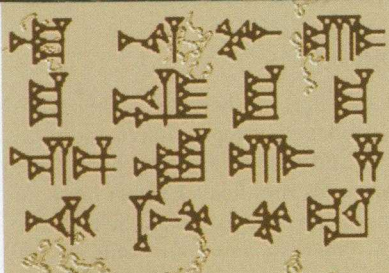


fronte!...

As estelas de argila do Fértil Crescente, os papiros egípcios, os pergaminhos da Ásia Menor, os livros em tiras de bambu dos chineses, as inscrições monumentais de gregos e romanos nos dão o testemunho da lenta criação dos sistemas de escrita, da cuneiforme à alfabética, criação fenícia à qual os gregos acrescentaram as vogais. O barro foi sucedido pelo papiro, pelo pergaminho, pelas tabuinhas enceradas até que se chegasse à bênção chinesa que foi o papel. Igualmente, a escrita evoluiu do estilete dos babilônios, do caniço dos egípcios, do cinzel de gregos e romanos e da pena dos árabes e dos monges. Os antigos papiros e pergaminhos enrolados cederam lugar ao códex, a forma do livro encadernado, adotado pelos cristãos.

Revolução sem sangue

Toda essa evolução se cristalizou na criação de um joalheiro alemão, **Johann Gutenberg**. Pela genialidade dele, a simplicidade do alfabeto, em que 26 letrinhas permitem expressar tudo,



associada ao suporte ideal, que é o papel, encadernado com a forma mais prática, permitia a reprodução maciça do mesmo original. Enquanto um monge produzia a cópia de uma página por dia, o prelo de **Gutemberg**, com seus tipos móveis, gerados a partir de matrizes capazes de produzir milhares deles exatamente iguais, permitia imprimir duzentas e tantas folhas por dia, cada uma com uma, duas ou quatro páginas, dependendo do formato do livro!

A invenção de **Gutemberg**, ao produzir em massa, barateou custos, o que democratizou a educação, antes restrita aos privilegiados. Lentamente a princípio, essa educação barateada

A escrita evoluiu nos 5.000 últimos anos dos pictogramas até a abstração genial em que símbolos permitem, combinados, comunicar e preservar significados e sons. Mas foi Gutemberg quem possibilitou à invenção genial de fenícios e gregos multiplicar-se industrialmente para massificar a educação.



O salto vertiginoso da civilização ocidental é produto direto do livro. A revolução industrial e a revolução agrícola foram precedidas pela revolução da imprensa. A vantagem dos livros é que eles não necessitam de arqueólogos para decifrá-los...

levaria a produzir estudiosos e sábios em toda parte, permitindo retroagir no tempo. Sim, porque se hoje conhecemos tão bem as antigas civilizações é porque seus escritos foram decifrados por quem, como nós da "velha guarda", estudou nos livros. E só tivemos livros para estudar porque eles foram produzidos em tanta quantidade que se tornaram acessíveis.

Outras revoluções, vocês diriam, também foram importantes, como o rádio, a televisão, os satélites de comunicação e a internet. É verdade. Porém, como se chegou a elas senão pelo que se aprendeu nos livros?

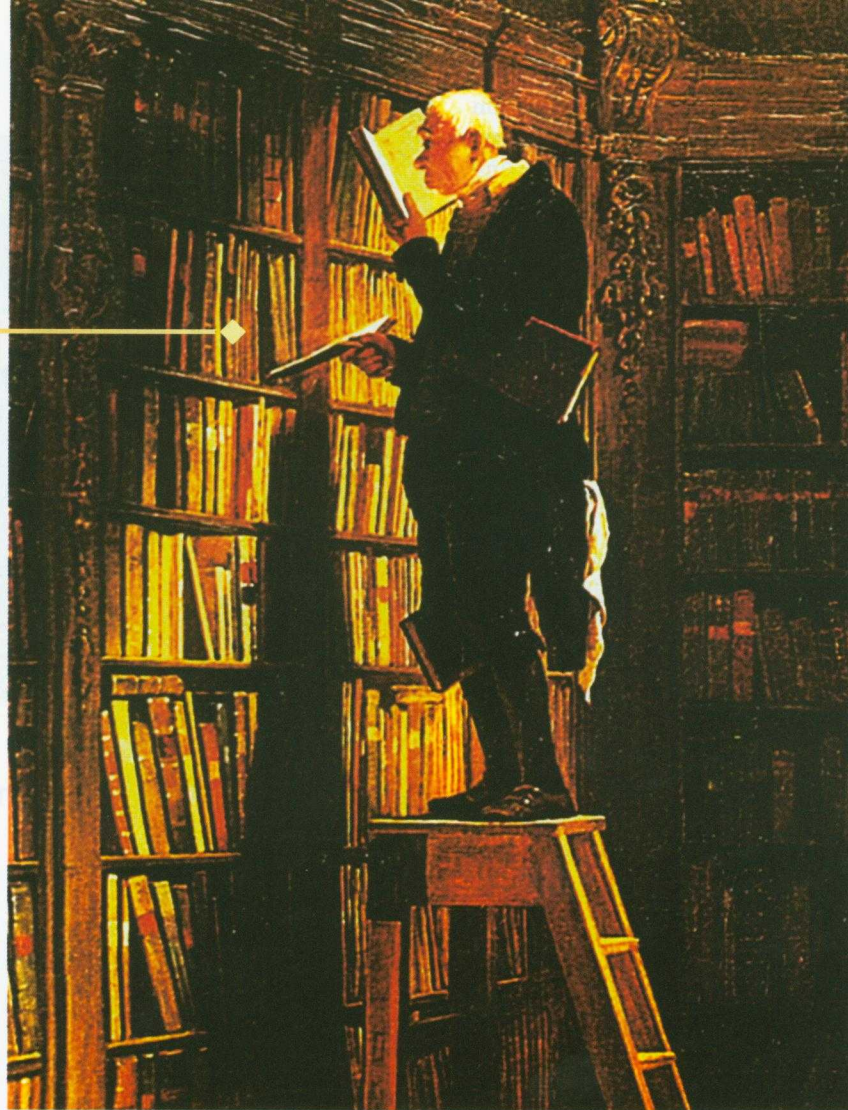
Bibliotecas sempre foram sempre fulcros de cultura e de progresso. Com isso não dizemos que todos os livros prestam. O mundo foi assombrado por porcarias tornadas livros. Mas o saldo da produção literária humana é fantástico, incomensuravelmente positivo. Tanto assim que as porcarias sempre são relegadas ao desprezo. Há notícia de que uma ou outra biblioteca seja desfeita para "ganhar espaço", como se esse motivo reles pudesse de alguma forma justificar decisões tão absurdas. A maior de todas as bibliotecas do mundo é a **Library of Congress**, a famosa biblioteca do Congresso americano, em Washington, D. C., criada em 1800, a maior do mundo em conteúdo e área, com seus 155 milhões de itens. Como a de Alexandria, foi incendiada em 1814, mas reviveu com o acervo do Presidente **Thomas Jefferson**. E não parou de crescer.

O Brasil, pode-se dizer, começou sua vida própria, de verdade, com a chegada da imprensa e do acervo que comporia nossa Biblioteca Cultural. Como todo país que se preze, começou dos livros!

Apolia da vida

Porém, tenho para mim que a vida se assemelha a uma polia. Quanto mais roldanas você põe na polia, menos força você faz para levantar pesos. Em compensação, a cada roldana acrescentada, mais corda você puxa...

Lembra-se dos tempos em que o 'seu' Manuel da padaria fazia as contas de



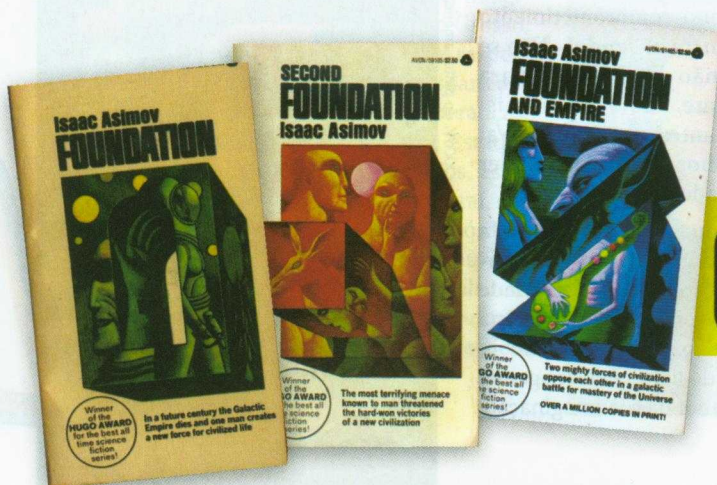
"Der Bücherwurm" (O Traça de Livros), do pintor alemão Carl Spitzweg (1809-1885)

cabeça? Hoje, registradoras nas caixas de supermercado dizem tudo, inclusive o troco. Porém... já viram o que acontece quando falta energia? Caos! Não se sabe mais somar, diminuir. Multiplicar e dividir, então... nem pensar! Adeus, tabuada! Levamos séculos e séculos para evoluir dos dedos para os algarismos hindu-arábicos e apenas uma ou duas décadas para desaprender de fazer contas.

Foundation, uma célebre trilogia de **Isaac Asimov**, um dos mais criativos e

ecléticos autores de ficção científica, conta sobre uma civilização avançadíssima, a séculos no futuro, em que se sabia até consertar naves espaciais, mas não se dominava mais os conceitos que levaram à sua invenção...

Agora, saia dos números e volte à escrita e aos livros. As famosas **Páginas Amarelas**, listas telefônicas, tinham um logo criativo, os *walking fingers*, dedos que simbolicamente "caminhavam" pelo catálogo, à procura da informação. Isso acabou-se. Mais uns cinco ou seis anos,



não se espante se as pessoas não saibam mais como encontrar uma palavra no dicionário simplesmente por não saberem mais a ordem alfabética... Pior é que, paradoxalmente, na própria informática é justamente a ordem alfabética que determina o ordenamento dos arquivos!

Veja os sintomas da decadência nas redes sociais. São um bom termômetro. Diuturna e multiplamente, os internautas assassinam a "última flor do Lácio". É como se a ferramenta fundamental de comunicação, o idioma, não mais tivesse importância. Não é só a grafia e a concordância, mas a lógica e a clareza desaparecem em mais da metade das mensagens. O plural morreu, a conjugação desapareceu e a pontuação, essencial para a compreensão, simplesmente inexistente. Parece que o importante é dizer, mas não se fazer entendido. Não é à toa que a posição brasileira no ranking das comunicações é vergonhosa. Pior é que uma boa parte das mensagens nos sites maçônicos não fica muito atrás...

O que se usa não atrofia...

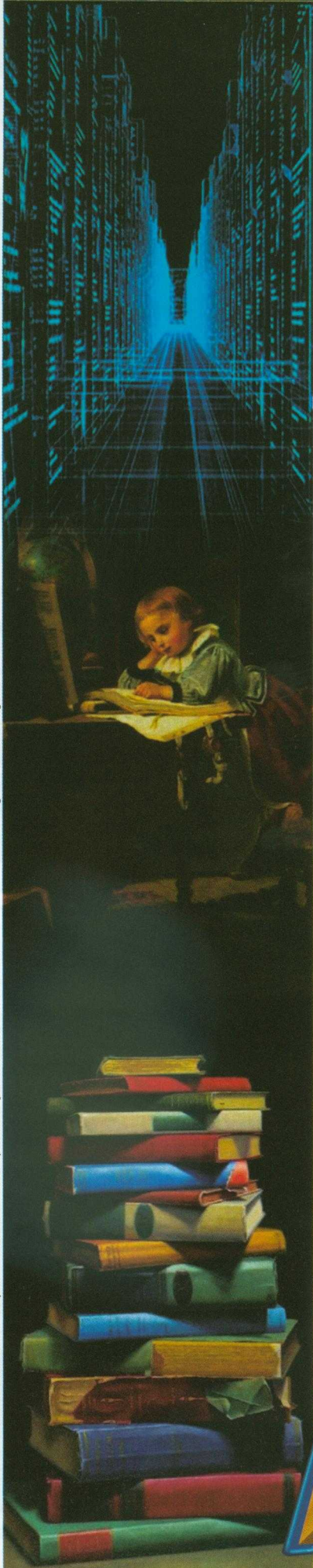
O domínio do idioma necessita de exercício constante. Tal como o atleta. Não usou, atrofia. A ponte entre as palavras, o som que representam e o seu significado tem algo de mágico. Se você nunca pensou nisso, imagine agora: 26 letras se combinam em sons variados para formar palavras que significam alguma coisa, uma ponte para a compreensão e a comunicação de um ser humano com outro. Essa ponte se consolida à medida que se lê. Quanto mais, melhor. *Quod abundat non nocet!*

Desprezada a leitura, essa ponte de desfaz, rui por completo e, com essa ruptura, esvai-se a capacidade de comunicar. Quer dizer, milênios de aprendizado e evolução jogados no lixo. Entretanto, se você é Maçom, permita-me lembrá-lo de que, entre seus princípios, está a defesa do livro. Essa é uma causa que não precisa de muito. Basta um pequeno comprometimento de sua parte: **continue lendo!** Não se conforme em não ler. Aliás, para começar, por que não seus rituais, principalmente antes da sessão? Vai ficar ainda melhor se você entender mesmo o significado do que vai falar...

Mais ainda. Há duas formas de mídia: a inteligente e a burra. Na mídia inteligente, sua imaginação e sua criatividade estão livres. Nela, você participa ativamente. É o caso do rádio e, principalmente, do livro. Personagens e locais estão ao sabor da sua imaginação.

August Friedrich Siebert (1820-1883)

Pilha de livros XXXIV, do pintor americano contem porraêno Ephraim Rubinstein (1956)



Por essas e outras é que muitas vezes você vê o filme depois de ler o livro e se decepciona. Já a mídia burra entrega o pacote pronto a você: está tudo lá. Você é meramente um alvo passivo, no máximo sentindo emoções. Não cria nem imagina. Não estou invalidando o cinema ou a TV como formas agregadas de aculturação e de prazer. Estou só dizendo que a natureza dessas formas é muito diferente e menos duradoura. E que de modo algum podem formar um monopólio da informação que vai construir sua percepção do mundo!

Enfim, para terminar, aqui vai um pequeno teste: releia um livro que você leu na juventude. Tenha certeza de que vai parecer-lhe diferente. Sabe por quê? Porque nesse tempo você evoluiu. O livro disse a mesma coisa no passado. O que mudou foi sua capacidade de entender. Em outras palavras, o livro é fiel. O mais fiel dos amigos. O que ele disse ontem, estará dizendo amanhã!

Sempre digo que só há três leis fundamentais e imutáveis mesmo sob ação do tempo: a lei da gravidade (o que sobe cai), a lei da oferta e da procura (o que é mais raro é mais caro) e a lei do menor esforço (o rio corre para o mar pelo caminho mais fácil). Eu gosto de consultar o dicionário. Mantenho viva a ordem alfabética e, enquanto procuro, penso. Ah, mas e a internet? E o Google? Ora, são extraordinários para pesquisar, é claro, principalmente se você sabe outros idiomas.

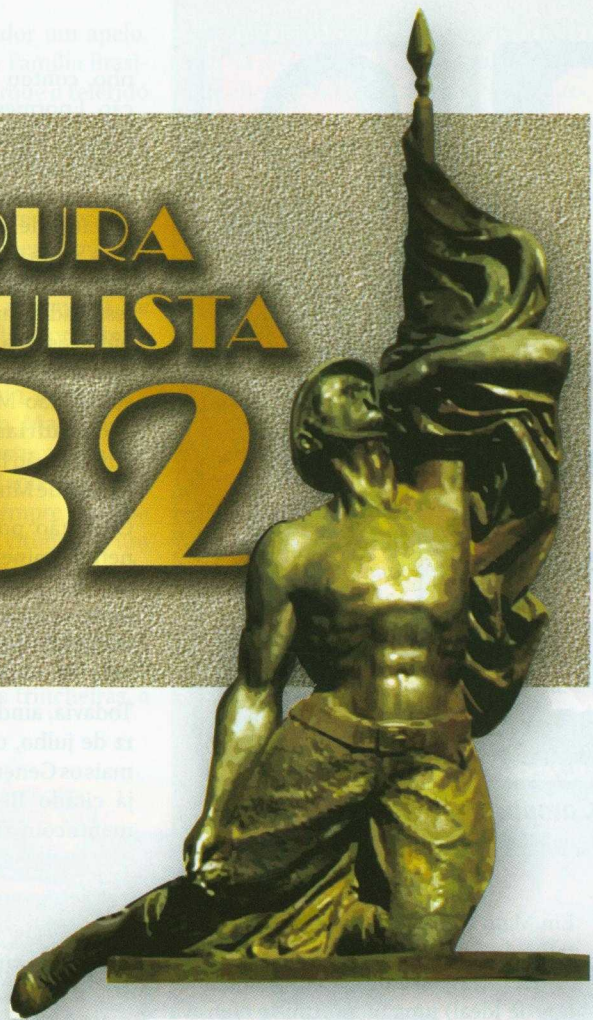
Mas não são tudo.

Já reparou que as pesquisas dizem quando – até com minutos! – em que você acessou o site? Por quê? Porque manhã o que você achou ontem pode não estar lá, por falta de patrocínio.

Com o livro, não. Ele sempre estará lá, confiável e permanente. É seu e sempre será. E você não precisa ligar na tomada, não precisa de pilhas nem precisa baixar aplicativos – basta abrir e pronto, o livro se liga imediatamente a você! ▲

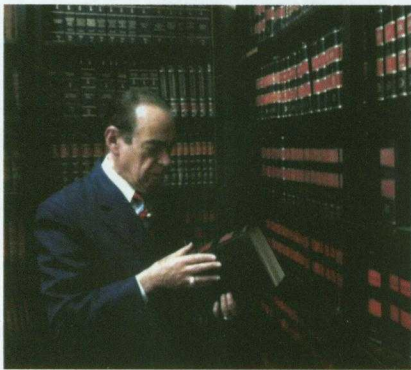


A IMORREDOURA EPOPEIA PAULISTA DE 1932



Ir.: Joaquim da Silva Pires, M.: I.: 33º

Capítulo III - Final

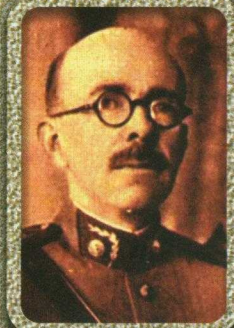


O Irm. **Joaquim da Silva Pires, M.: I.:**, portador da maior láurea concedida pelo **Grande Oriente do Brasil**, a **Augusta Comenda da Ordem de D. Pedro I**, é Orador Emérito da **ARLS Estrella da Syria** e Membro Honorário da **ARLS Piratininga**, ambas de São Paulo-SP. Historiador maçônico e ritualista, escreveu oito livros. Em dezembro de 2019, completou 60 anos de Ordem.

Era sábado, 9 de julho de 1932, quando eclodiu a Revolução Constitucionalista. Em São Paulo, tudo era entusiasmo, a contrastar com a inevitável temperatura invernososa daquele histórico mês, cujos dias alvoreceram brumosos, subjugados pelo indisputável poderio da Natureza, a impedir que os primeiros raios solares banhassem o cenário bandeirante, orvalhado pelos borrifos das madrugadas.

Mas, alheios às rígidas leis meteorológicas, o Governo e o Povo, movidos pelo batimento de um só coração, reunidos sob o mesmo esplendoroso manto, haviam recorrido às armas, buscando a constitucionalização da nossa Pátria.

Os paulistas, com virginal ingenuidade, imaginavam que poderiam contar com Mato Grosso, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, pois os respectivos dirigentes lhes haviam jurado solidariedade. Entretanto, esboroaram-se as esperanças, porque os habitantes daqueles três Estados foram ludibriados pelos seus timoneiros, estes em conluio com a Ditadura do Poder Central, nas insidiosas manobras dos cordéis de uma sórdida propaganda contra o verdadeiro desiderato que inflamara os legítimos anseios de São Paulo, em seu pleito de obter uma Carta Magna, em substituição à que o Ditador já rasgara, com a perfídia de seus asfixiantes decretos unilaterais.



Bertholdo Klinger

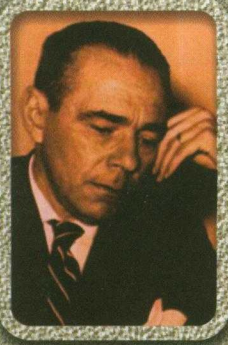


Pedro de Toledo

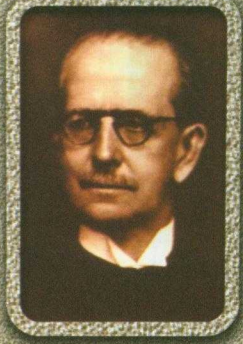




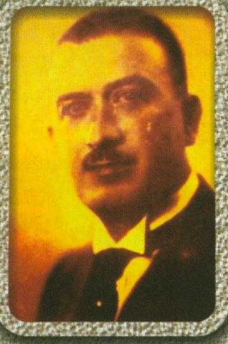
Francisco Morato



Guilherme de Almeida



Moura Campos



Costa Manso

no, contou com apoteótica mobilização. Enormes filas de voluntários agitavam-se, ondulantes, nos postos de alistamento da Capital e do Interior do Estado. Juntamente com as Faculdades de Direito e de Medicina, a Escola Politécnica, a Santa Casa de Misericórdia, a Sociedade de Oftalmologia, o Centro do Professorado Paulista e várias instituições públicas e particulares, figurou o *Grande Oriente de São Paulo*, que estava sob o Grão-Mestrado proficiente do Irm. José Adriano Marrey Júnior, nascido em São João Batista, atual Itamarandiba, Estado de Minas Gerais.

Os então poucos paranaenses, catarinenses, mineiros e baianos, que residiam em São Paulo, vestiram e honraram a farda constitucionalista, pois estavam cientes de que lutavam em prol do Brasil, pela volta da legalidade ao nosso País.

Todavia, ainda nutrindo esperanças, em 12 de julho, o Irm. Pedro de Toledo, mais os Generais Izidoro Dias Lopes e o já citado Bertholdo Klinger, juntamente com o Professor Francisco Mora-

to e com Pádua Salles, ex Ministro da Agricultura, lançaram um Manifesto à Nação, propondo uma Junta Governativa Nacional, que seria composta de cinco membros, um do Rio Grande do Sul, um de Minas Gerais, um de São Paulo, um do então Distrito Federal e um do Norte (inadequada expressão genérica, que abrangia, também, o Nordeste). Dentre esses cinco membros, a mencionada Junta escolheria o seu Presidente.

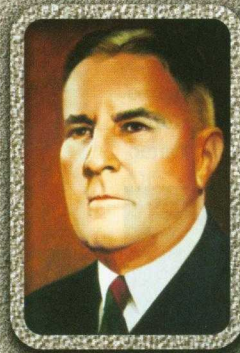
Dois dias após, D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo; Monsenhor Gastão Liberal Pinto, Vigário-Geral; José Maria Whitaker, Diretor do Banco Comercial; Francisco Pais Leme de Monlevade, Diretor da Estrada de Ferro Sorocabana; Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras; Cantídio de Moura Campos, Diretor da Faculdade de Medicina; Desembargador Costa Manso, Presidente do Tribunal de Justiça, e Plínio Barreto, Presidente do Instituto dos Advogados, assinaram um esclareci-

Em Mato Grosso, a imperdoável precipitação do General Bertholdo Klinger, ao enviar (sem consulta aos seus companheiros de Ideal) uma inoportuna e ofensiva carta-protesto ao General Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, Ministro da Guerra, custou-lhe a desastrosa (realmente desastrosa, mas para os paulistas) reforma administrativa, de modo que ele deixou de ser, automaticamente, o Comandante Militar daquele Estado, um dia antes de ser deflagrada a Revolução, privando São Paulo, dos numerosos e equipados batalhões mato-grossenses. Só uns poucos soldados acompanharam o deposto Comandante. Esse relevantíssimo episódio, apesar de pouco divulgado, foi, antecipadamente, a primeira derrota dos paulistas.

Em Minas Gerais, a Ditadura determinou a prisão de Arthur da Silva Bernardes, ex-Presidente da República e que, antes, governara o mencionado Estado. Havia o temor palaciano, de que o prestigioso político sublevasse os mineiros a favor de São Paulo.

A mesma tática foi usada no Rio Grande do Sul, atingindo Borges de Medeiros, o tradicional líder gaúcho, impedindo sua ação em benefício dos paulistas.

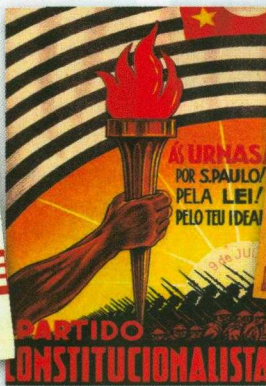
Com a panóplia de ambas as ardilosas manobras políticas, Olegário Maciel, à frente de Minas Gerais, e Flores da Cunha, à frente do Rio Grande do Sul, voltaram-se contra São Paulo, que, sozi-



Marrey Jr.



Octávio Kelly



A luta foi desigual, mas intensa, com a participação de toda a sociedade paulista. Onde faltavam recursos, recorria-se ao improviso, a engenhosidade de algum modo diminuía a desigualdade. Apesar do inevitável resultado, a epopeia levou à Constituição de 1934 e deixou profundas marcas de altivez e orgulho.



mento denominado "Ao Povo Brasileiro", asseverando que São Paulo não possuía (e não possuía mesmo!) o objetivo de "praticar a loucura de separar-se do Brasil", e sim, "unicamente o de apressar a volta do País ao regime constitucional". Todavia, os dois importantíssimos pronunciamentos nunca chegaram aos seus destinatários. A trajetória foi interceptada pelos empedernidos acólitos da Ditadura, sorrateiros propagandistas de que São Paulo teria a pretensão de separar-se do Brasil. Nunca houve esse escopo. Nosso mapa sempre esteve na Bandeira Paulista.

Em pleno combate, o **Grande Oriente do Brasil**, cujo Grão-Mestre era o Irm. **Octávio Kelly**, manifestou-se, por meio do Irm. **Humberto Chaves**, Grande Secretário Geral, em carta a **Getúlio Vargas**, Chefe do chamado "Governo Provisório da Nação!", transmitindo-lhe cópia de telegrama remetido pela Loja Maçônica "Luz e Caridade", de Uberlândia, Minas Gerais, ao Irm. **José Adriano Marrey Júnior** (o já aludido Grão-Mestre do **Grande Oriente de São**

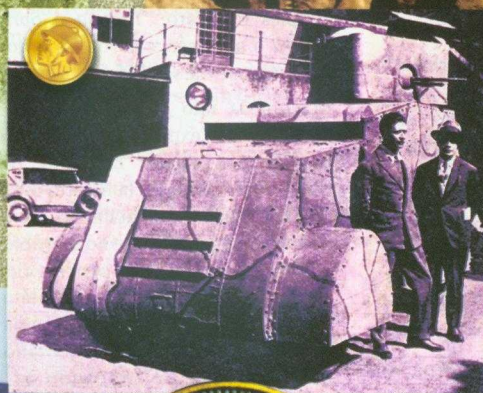
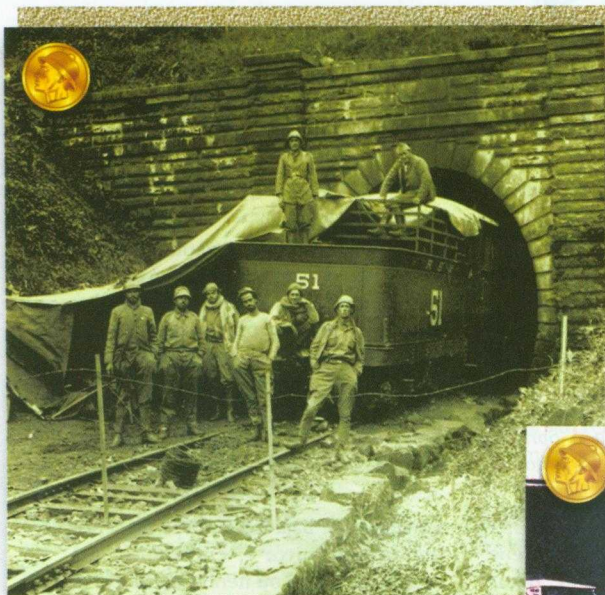
Paulo), fazendo ao Ditador um apelo, para o apaziguamento da Família Brasileira. Tudo sem êxito, porque o referido "Chefe da Nação" queria perpetuar-se no Poder, fato que a História do Brasil viria a comprovar.

A Revolução prosseguiu com violentíssimos combates. Foi uma encarniçada guerra, onde as provas de verdadeiro heroísmo assinalaram a bravura de ambas as partes em conflito, principalmente entre os dias 20 e 30 de julho. No ínterim, dia 23, São Paulo pranteou a morte do Coronel **Júlio Marcondes Salgado** (que teve sua póstuma promoção a General), Comandante da Força Pública, que é a atual e sempre gloriosa Polícia Militar. Ele foi vítima de um acidente provocado pela explosão de um granada.

Inferiorizado em número de combatentes, em armas e em munições, São Paulo trespobrou sua luta. Nas trincheiras, a

resistência foi uma façanha enobrecedora. Na retaguarda, imperou um civismo que chegou às culminâncias. As indústrias, o comércio, os empregadores, os empregados, os estudantes, os profissionais liberais e, enfim, homens e mulheres, todos mostraram o quanto vale a dedicação a um Ideal.

Mas, quando se esgotam os recursos bélicos, de nada adianta a valentia dos soldados e de nada adianta a transudação dos civis. Os combatentes paulistas ficaram isolados. Por terra, cercaram-nos de todos os lados. Pelo ar, sofreram bombardeios. Trânsito marítimo tornou-se impossível, pelo bloqueio feito pela Marinha de Guerra. Diante desses óbices, em 2 de outubro, chegava ao fim a movimentação guerreira da Epopeia Paulista. Contudo, seu exemplo de amor à Lei, a exigir que o Brasil tivesse uma Constituição, ficará lavrado, para sempre, nas páginas de nossa História. ▲



Júlio Marcondes



O Pensamento Vivo de Albert Pike

Morals and Dogma



Como no Grau 6, este Grau 9, *Eleito dos Nove*, mostra um Pike também focado na valorização das qualidades cívicas, porém mais particularmente no Maçom em si e na Maçonaria como instituição filosófica em seu objetivo fundamental, o aperfeiçoamento do homem.

Lembremos, entretanto, que devemos considerar o contexto da obra em que ele viveu, a segunda metade do século XIX, quando a Primeira Guerra Mundial ainda não havia destruído governos, liberado ideologias e mudado radicalmente o mapa, principalmente o da Europa.

J. W. Kreutzer Bach

Eleito dos Nove Grau 9

Tradução livre de
J. W. Kreutzer Bach

(Primeira Parte)

Originalmente criado para premiar a fidelidade, obediência e devoção, este Grau foi consagrado à bravura, ao devotamento e ao patriotismo. Suas obrigações lhe foram transmitidas nos deveres aos quais você assumiu. Eles podem ser sumarizados no simples mandato: *“Proteja o oprimido contra o opressor; e devote-se à honra e aos interesses de seu País”.*

Maçonaria não é “especulativa” nem teórica, mas experimental; não sentimental, mas prática. Ela requer renúncia e autocontrole. Ela mostra uma face severa para com os vícios do homem e interfere com muitos de nossos objetivos e nossas fantasias. Ela penetra além da região do vago sentimento, além das regiões onde moralistas e filósofos têm tecido suas belas teorias e elaborado suas belas máximas, alcançando as profundezas do coração, reprovando nossa pequenez e malícia, acusando nossos preconceitos e paixões e guerreando contra nosso exército devícius.

Ela guerreia contra as paixões que brotam do fundo de belos sentimentos, um mundo de ditados admiráveis e práticas viciadas, de boas e más ações, cujas mais sombrias são não somente impedidas pelos costumes e cerimônia, mas ocultas mesmo de si próprias por um véu de belos sentimentos. Este

solecismo terrível tem existido em todas as épocas. O sentimentalismo católico tem muitas vezes ocultado infidelidade e vício. A retidão protestante muitas vezes exalta a espiritualidade e a fé, mas negligencia a verdade, a ternura e a generosidade. O racionalismo ultraliberal algumas vezes voa alto em seus sonhos, mas chafurda da lama de suas ações.

Pode ser que haja um mundo de sentimento maçônico; e, entretanto, um mundo de pouca ou nenhuma Maçonaria. Para muitos há um sentimento vago e generalizado de caridade maçônica desinteressada e generosa, mas nenhuma virtude prática, nem mesmo alguma amabilidade habitual, liberalidade ou gentileza. A Maçonaria os envolve como as luzes brilhantes, mas frias, dos céus setentrionais. Há, ocasionalmente, *flashes* de sentimentos generosos e viris, esplendores transitórios e brilhos momentâneos de pensamentos justos e nobres que iluminam os céus de sua imaginação; mas não há aquele calor vital no coração – ele permanece tão frio e estéril quanto as regiões árticas ou antárticas. Eles não fazem nada; não ganham qualquer vitória sobre si mesmos, não fazem progressos. Eles estão ainda no canto Nordeste da Loja, tal como estavam quando Aprendizes. Não cultivam a Maçonaria com um cultivo

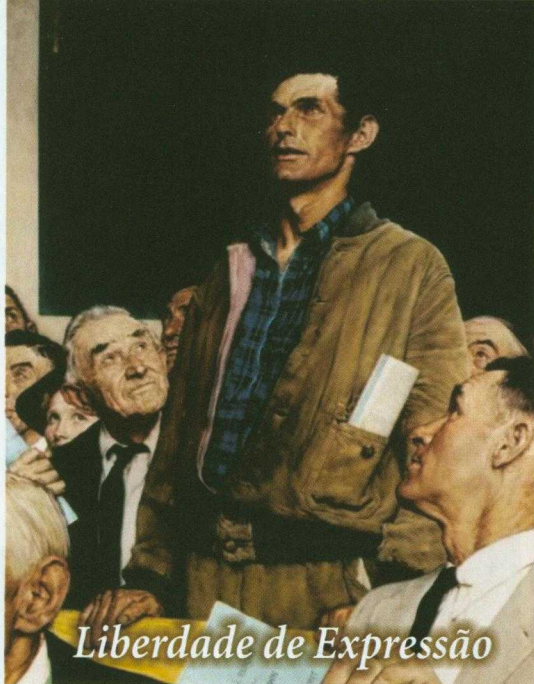


resoluto, determinado e regular, como cultivariam sua terra, profissão ou conhecimentos. Sua Maçonaria segue em generalidades e ineficiência, lamentavelmente medíocre de resultados, só palavras, fórmulas e promessas...

A maioria dos homens têm *sentimentos*, mas não *princípios*. Os primeiros são sensações temporárias; os últimos são impressões permanentes e controladoras de bondade e virtude. Os primeiros são involuntários e não alcançam a condição de virtude. Todos podem senti-los. Eles se acendem espontaneamente em cada coração. Os últimos são regras de ação que moldam e controlam nossa conduta. É justamente nesses que a Maçonaria insiste.

Aprovamos o que é certo, mas seguimos o errado. É a velha história das deficiências humanas. Ninguém encoraja ou exalta injustiça, fraude, opressão, ambição, vingança ou agressão. Ainda assim, quantos dos que condenam tudo isso são culpados por isso! Não é raro que aquele cuja indignação é inflamada por uma história de injustiça, opressão, agressão, cuja ira se inflama a favor das vítimas de maldades, venha a ser injusto, opressor, invejoso ou maledicente com outros. É incrível como aqueles na miséria frequentemente se indignam da avareza ou falta de espírito público dos outros! Disse bem um grande pregador: "Sois, portanto, indesculpáveis. Quem quer que sejais, oh homem, quando julgais outro, condenastes a vós mesmos: porque, vós, que julgais, fazeis as mesmas coisas!"

Impressiona ver como homens falam de virtude e honra quando suas vidas negam ambas. É curioso ver a facilidade com que homens maus citam as Escrituras. Parece que usar boas palavras conforta suas consciências maldosas. [...] Usualmente, quanto mais um homem fala sobre Caridade e Tolerância, menos ele tem de ambas; quanto mais fala de Virtude, menos tem dela. O que a boca fala pode vir do coração, mas frequentemente é o reverso do que o homem pratica. O vicioso e o sensual muitas vezes expressam - e de certo modo sentem - forte aversão ao vício e à sensualidade exacerbada. A Hipocrisia, afinal, não é tão comum como se imagina. Aqui, na Loja, virtude e vício são assuntos apenas de reflexão e sentimento. Há poucas oportunidades, aqui, para a prática de ambos. E aqui os Maçons cedem aos argumentos pronta e facilmente, porque nada se segue. É fácil e seguro, aqui, *sentir* sobre esses

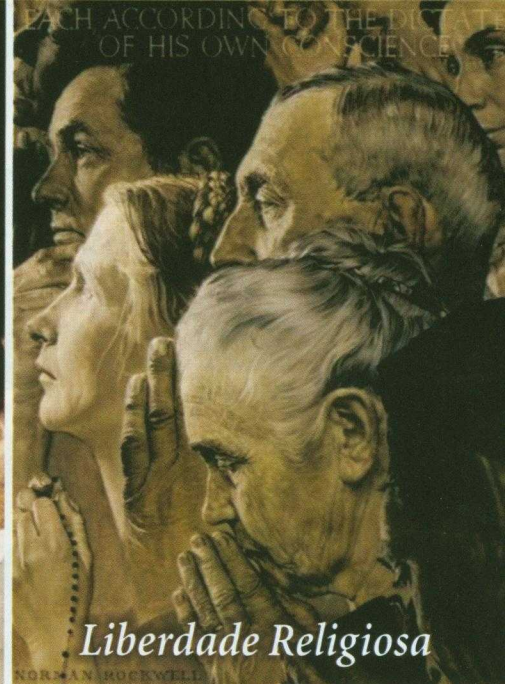


Liberdade de Expressão

As 4 liberdades, do artista americano Norman Rockwell, quadros inspirados no famoso discurso do Presidente Franklin Roosevelt, Maçom, feito em 1941, quando o mundo, mal saído da Grande Depressão, enfrentava as agruras da Segunda Guerra Mundial.

assuntos. Amanhã, porém, ao respirar a atmosfera dos ganhos mundanos e da competição, quando as paixões se agitam nas oportunidades de prazer ilegal, todas suas belas emoções sobre virtude, todo seu generoso repúdio ao egoísmo e sensualidade, esses se dissolvem como as nuvens da manhã. Por um tempo, suas emoções e sentimentos são reais e sinceros. Os homens podem realmente, à sua maneira, interessado na Maçonaria, ainda que fatalmente deficientes em virtudes. Não é sempre hipocrisia. Os homens rezam com fervor e sinceridade, e, ainda assim, constantemente são culpados de atos tão ruins e vis, tão hostis e ilegais quanto os crimes que abundam em nossos tribunais.

Alguém pode ser um bom tipo de homem, de certa forma geral, e um péssimo sujeito em particular: bom na Loja e péssimo no mundo, bom em público e péssimo para com a família; bem em casa e péssimo em viagem ou lugar estranho. Muitos ansiosamente desejam ser bons Maçons. Assim ele diz e é sincero. Mas se você pedir que resista a determinada paixão, que sacrifique alguma indulgência, que controle seu apetite em determinada festa ou que



Liberdade Religiosa

mantenha a calma em uma disputa, você verá que ele não deseja ser um bom Maçom naquele caso particular. Ou, mesmo querendo, que ele não é capaz de resistir a seus impulsos.

Os deveres da vida são maiores do que a própria vida. A lei impõe a cada cidadão que ele coloque o serviço urgente de seu país antes mesmo que a segurança de sua própria vida. Como disse um grande escritor, se um homem pode ser ordenado a levar armas ou munição em auxílio de alguma cidade do Rei em perigo, então, mesmo diante de perigos e tempestades, ele não pode lançá-los ao mar. Porque aqui prevalece o que foi dito pelo romano, quando alegaram o tempo ameaçador para que não embarcasse: "Necesse est ut eam, not ut vivam" - É necessário que eu vá, não que eu viva.

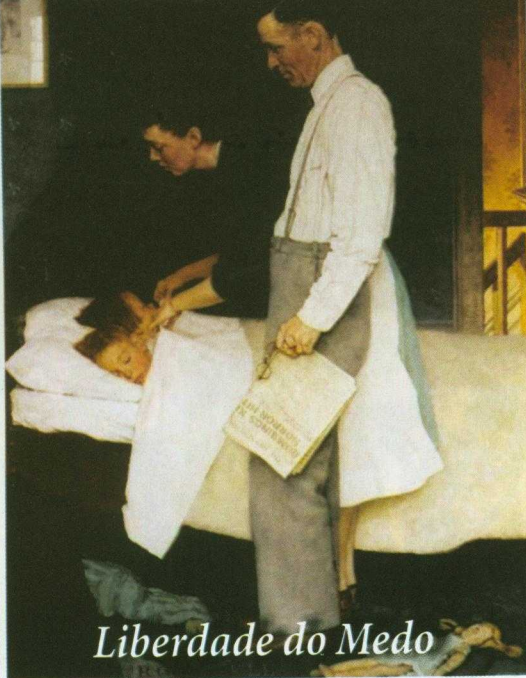
Como é ingrato aquele que morre e nada fez que reflita a glória dos Céus! Como se assemelha a uma árvore infértil aquele que vive, cresce, cobre o chão e não deixa uma semente sequer, nenhum bom gesto que gero outro depois dele! É como grão ressequido e morto de trigo, do qual nem uma espiga nascerá. Este, que deseja ir só, dificilmente encontrará o caminho do Paraíso.

A industriiosidade nunca é improdutivo de todo. Se não trouxer alegria com o lucro que virá, certamente impedirá más ações dentro de seus portões. Há um anjo bom que vela pela Diligência, sempre carregando uma coroa de louros para coroa-la. Quão é indigno aquele que nunca realizou algo, apenas viveu e morreu. Que tenhamos a liberdade de fazer de tudo deveríamos pensar como





Liberdade da Fome



Liberdade do Medo

um presente dos Céus propícios; que tenhamos um espírito que nos incline a usar bem essa liberdade é um grande presente da Divindade.

Maçonaria é ação, não inércia. Ela requer de seis Iniciados que trabalhem, ativa e dedicadamente, para o benefício de seus Irmãos, de seu país e as Humanidade. É patrona dos oprimidos, tal como como conforta e consola os desafortunados e afligidos. A ela é maior honraria ser o instrumento de progresso e reforma do que tudo que os altos postos e os títulos ressonantes possam oferecer. Ela é o advogado do povo comum nas coisas que dizem respeito aos melhores interesses da humanidade. Ela detesta o poder insolente e a usurpação. Ela se apieda do pobre, dos que sofrem, dos desconsolados; ela busca elevar e melhorar os ignorantes, os decaídos e os degradados.

Sua fidelidade a essa missão pode ser acuradamente evidenciada pela extensão dos esforços que ela envia para melhorar as pessoas e sua condição de um modo geral e, dentro das possibilidades, ajudar na educação das crianças dos necessitados. Um povo inteligente, informado de seus direitos, logo conhecerá sua força e não poderá ser oprimido por muito tempo. Porém, se não houver uma população sensata e virtuosa, os ornamentos no topo da pirâmide da sociedade não será senão uma pobre compensação para a carência de solidez da base. Jamais é seguro para uma nação basear-se no colo da ignorância. Se por acaso houve algum dia a tranquilidade pública foi conseguida à custa da falta de conhecimento, esse

tempo acabou. Melhorar a massa do povo é a maior segurança para a sua liberdade. Se isso for negligenciado, a polidez, o refinamento e o conhecimento acumulado nas classes mais altas e mais abastadas perecerão algum dia tal como a relva seca nas chamas da fúria popular.

Não é missão da Maçonaria engajar-se em esquemas e conspirações contra o governo civil. Ela não é propagandista de qualquer crença ou teoria; nem se proclama inimiga de reis. Ela é o apóstolo da liberdade, da igualdade e da fraternidade, mas não é mais o sacerdócio do republicanismo do que da monarquia constitucional. Ela não estabelece alianças com qualquer seita de teóricos, sonhadores ou filósofos. Não conhece como seus Iniciados aqueles que tentam contra a ordem civil e as autoridades legais nem os que propõem negar aos moribundos o consolo da religião. Em sua dignidade, serena e simples, sob todos os governos, ela está fora de todas as seitas e credos. [...] Ela não apoia nem a anarquia nem a licenciosidade. Tampouco ilusões de glória ou emulação extravagante dos antigos a inflama com sede imprópria por liberdades utópicas. Ela ensina que na vida correta e na sobriedade dos atos está a única garantia para a liberdade política; ela é, acima de tudo, a defensora da santidade das leis e dos direitos da consciência.

A Maçonaria reconhece como verdade que tanto a necessidade quanto os direitos abstratos e a justiça idealizada devem ter sua parte na elaboração das leis, na administração dos assuntos, na regulamentação das relações da so-

cidade. Ela vê que a necessidade governa nos afazeres do homem. Ela sabe que onde quer que um homem ou um povo sejam escassos de intelecto ou tão degradados e inaptos a ponto de não lhes serem confiadas as mais prerrogativas de cidadania, é necessário que sejam guiados por aqueles mais intelectualizados e mais sábios. Ela confia e acredita que Deus, a Seu tempo apropriado, cumprirá Seus propósitos; e deseja esperar quando não enxerga de um modo claro de fazer o bem.

A Maçonaria espera e deseja o dia em que todas as raças humanas, por menos favorecidas que sejam, sejam elevadas e estejam aptas para a liberdade política, quando, como todos os males que afligem a Terra, a pobreza, a servidão ou a dependência abjeta cessarão e desaparecerão. Mas não prega a revolução contra aqueles que apreciam os reis nem, tampouco, rebeliões que terminam apenas em desastre e derrota ou com a substituição de um tirano por outro ou um bando de déspotas por um só.

Sempre que um povo estiver apto a ser livre e auto governar-se, ou trabalhando para sê-lo, aí estarão as simpatias da Maçonaria. Ela detesta o tirano, o opressor sem lei, o usurpador militar e todos aqueles que abusarem do poder legal. Ela abomina a crueldade e o desprezo pelos direitos da humanidade. Ela abomina o empregador egoísta e exerce sua influência para tornar mais leve o peso que a necessidade e a dependência impõem ao trabalhador e incentiva a bondade e o senso humanitário que o homem deve mesmo ao mais pobre e desafortunado de seus irmãos. A Maçonaria jamais poderá ser empregada, em qualquer país sob o firmamento, para ensinar tolerância frente à crueldade, para enfraquecer a indignação frente ao erro ou para depravar ou brutalizar o espírito humano. O temor da punição jamais fará do Maçom um cúmplice na corrupção de seus compatriotas ou um partidário da depravação ou da barbárie. Se, onde quer que seja, um tirano mandar prender alguém que satirize sua tirania, acusando-o de pregar a rebelião, um Maçom, se jurado no julgamento, mesmo antevendo o cadafalso manchado com o sangue dos inocentes e sob a ameaça de baionetas para intimidá-lo, deve salvar o intrépido satirista das garras do tirano, afastando seus sicários em derrota e desgraça.

(continua)



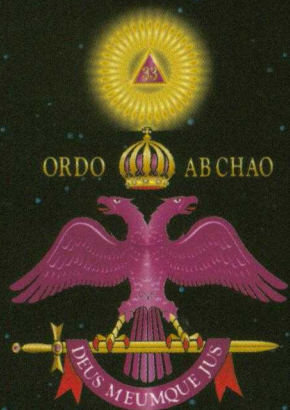


Escritores & Estudiosos

A Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Convidamos nossos III.: PPod.: IIr.:,
em nome de nosso S.: G.: Com.:
Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º,
a apresentar seus trabalhos para que
nossa *Astréa* torne realidade o sonho
de seu criador, o S.: G.: Com.:
Mário Marinho de Carvalho Behring.

Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (+55 21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>